

ORGANIZAÇÃO DO CORPUS DIACRÔNICO DO PORTUGUÊS PAULISTA
Coordenador: Marcelo Módolo (USP) modolo@usp.br, marcelomodolo@hotmail.com

SANTOS, Vinícius Gonçalves dos. *Sangue limpo* de autoria de Paulo Eiró.
Distribuição feita por modolo@usp.br, marcelomodolo@hotmail.com

SANGUE LIMPO

DRAMA ORIGINAL EM TRES ACTOS E PROLOGO

POR

Paulo Eiró

Representado pela primeira vez no Theatro desta Cidade| a 2 de Dezembro de 1861

São PAULO

TYPOGRAPHIA LITTERARIA

Rua do Imperador *numero* 12

1863

AO

EXelentissiMo Senhor Doutor ANTONIO JOAQUIM RIBAS

OFFERECE

O Autor

PREFACIO

Seja-me permittido escrever algumas linhas preliminares, não em| favor da obra, pois como disse Madame de Stael, « um livro de-| fende-se a si mesmo », nem para expender difficuldades insepara-| veis de um ensaio em genero tão escabroso de litteratura, mas| para manifestar o pensamento capital que presidio á confecção| d'este drama.

Em principios do anno de 1859, o Conservatorio Dramatico Pau-| listano, tentando pôr em pratica uma idéa cheia de patriotismo,| abrio um concurso litterario, destinando premios para o melhor| drama original, revestido de moralidade, que tivesse por assumpto| algum dos gloriosos episodios da historia de nossos pais. Apesar de| minha fraqueza e obscuridade, propuz-me a entrar na liça, satis-| feito de antemão com a idéa de ser vencido por engenhos nasci-| dos no mesmo berço. Lançando um ligeiro olhar

sobre o nosso| passado, descubri sem grande custo o assumpto que desejava. E' com| razão que Charles Ribeyrolles disse que a nossa historia tinha uma| pagina, a da Independencia ; e eu já pensava assim antes do ta-| lentoso proscripto francez. Sim, é do Ypiranga que data a nossa| vida real ; nunca se poderá chamar dia ao espaço que precede a| aurora. Este assumpto porém, tão bello e tão nacional, traz com-| sigo graves inconvenientes. O *Illustrissimo Senhor Doutor* Paulo Antonio do Valle| ennumerou-os todos em uma carta, publicada por esse mesmo tempo,| e assignalou os perigos a que se expunha o escriptor incauto que| ousasse apresentar na scena os vultos veneraveis e ainda palpitantes| dos Andradas e do primeiro imperador. Concordando plenamente| com a opinião desse illustrado Paulista, auctoridade em semelhantes| materias, pareceu-me entretanto que a pintura fiel da época, afas-| tadas as personagens principaes, teria ainda encanto bastante para| prender os espectadores.

Achada a moldura, faltava delinear o quadro.

Todos sabem de que elementos heterogeneos se compõe a população| brasileira, e os riscos imminentes que presagia essa falta de uni-| dade. Não é sómente a diferença do homem livre para o escravo ;| são as tres raças humanas que crescem no mesmo solo, simultanea-| mente e quasi sem se confundirem ; são tres columnas symbolicas| que, hão de reunir-se, formando uma pyramide eterna, ou tom-| barão esmagando os operarios ! Penso eu (e este pensamento pare-| ce-me digno de ser a divisa de todos aquelles que trabalham no| magnifico edificio da arte nacional), penso eu que o presente deve| ser preparador do futuro ; e que é dever de quantos teem poder| e intelligencia, qualquer que seja a sua vocação e o seu posto, do| poeta tanto como do estadista, apagar essas raias odiosas, e comba-| ter os preconceitos iniquos que se oppoem á emancipação completa| de todos os individuos nascidos nesta nobre terra. Essa grande re-| volução, infallivel porque é logica, triumphante porque é santa, não| ha de ser contemplada pelos mais mancebos de hoje ; restar-nos-ha| porém a gloria de haver-lhe aplainado o caminho.

Não será dramatico desenrolar a velha bandeira do Ypiranga, e| nella apontar como antithese monstruosa a nódoa negra da escri-| vidão, verme nojoso que róe a flôr de nossas liberdades ? Não será| dramatico mostrar o que fizeram nossos pais, e o que nós temos a| fazer para coroar sua obra ?

Foi possuido desta idéa que eu utilizei os bellos dias de Janeiro| do anno passado, escrevendo o drama—SANGUE LIMPO. Encetando uma| empreza que me parece de alta moralidade, e que outros comple-| tarão mais efficaçmente, aggredi as preocupações que existem contra| os homens de côr. Bem sei que a execução não está á par da idéa ;| balbuciei uma lingua nova para mim, e o meu entusiasmo juve-| nil extravasou por vezes dos moldes frios e inflexiveis do drama| moderno. Julgo porém haver attingido o meu fim. Só ao genio é| dado começar pelo irreprehensivel.

Poetas, artistas, cultivadores do bello, semeadores incognitos do| futuro, não esmoreçamos. Esta época vai rica de materialismo, de| descrença e de ignominias politicas : mas um dia erguer-se-ha o| sudario gelado desta nova Pompeia; e do cadaver só subsistirá o| crâneo, séde da intelligencia !

1.º de Setembro de 1862.

PAULO EIRÓ.

PESSOAS DO DRAMA

Dom JOSÉ DE SALDANHA

AYRES DE SALDANHA
RAPHAEL PROENÇA
VICTORINO
MENDONÇA
LIBERATO
BRAZ
1.º DESCONHECIDO
2.º DITO
UM MILITAR
UM CABO
LUIZA PROENÇA
ONISTALDA

POVO, SOLDADOS

A acção passa-se na Cidade de São Paulo, no anno de 1822, desde 25 de Agosto até 7 de Setembro.

PROLOGO.

Pateo do Collegio, com vista da igreja ao fundo, e á direita o Palácio do Governo, cujas janellas devem estar illuminadas e com gente. Ao subir o panno uma banda de musica toca no centro da praça o hymno constitucional de 1820, findo o qual, das janellas de Palácio rompem vivas á Constituição, a el-rei Dom João 6.º, ao principe regente e aos briosos Paulistas : o povo corresponde enthusiasta, e cricula pelo pateo ; n'este passeio prolongado tra-vam-se os dialogos seguintes.

SCENA I.

Dom JOSÉ E UM MILITAR.

Dom JOSÉ.

Vêde ! O principe não podia ser mais ardente-mente recebido e victoriado.

MILITAR.

E comtudo elle não quiz acceitar a guarda de honra que lhe preparavam !

Dom JOSÉ.

Auras populares, ovações ephemeras ao homem que representa um pensamento, e que durarão até que outro pensamento desça, como Moysés do monte, e faça em pedaços o idolo.

MILITAR.

Que importa o futuro ? Ninguém conta com elle. | Antes que passe a monção, terá Sua Alteza chegado | a seus fins ambiciosos.

Dom JOSÉ.

Culpa têm os que o impelliram em tal caminho. | Não lhe sabiam da indole ? Dom Pedro de Alcantara | não sabe receber ordens de quem quer que seja.

MILITAR.

Como vos enganais ! A desobediencia do principe | nunca teve por motivo o pundonôr offendido. Há | muito que elle vive sonhando com uma corôa ame- | ricana, de ouro, cravada de diamantes.

Dom JOSÉ.

O que prova isso ? Que só elle sabe differençar | o falso do verdadeiro, e considera o futuro com | olhos perscrutadores.—E entretanto parecia que a | Providencia se propunha a renovar os destinos da | velha Lusitania ! Amigo, a mudança da côrte para | o Novo Mundo era talvez a realização do unico | meio de salvar Portugal. Quando a bandeira de | Ourique esvoaçasse n'este immenso paiz, por onde | se derramaria a superabundancia de nossa popu- | lação, cujos productos encheriam nossos cofres, cujas | florestas forneceriam o material para nossos esta- | leiros ; quando chamássemos a este grande mer- | cado as noções industriosas do mundo, estaria sa- | cudido para sempre o jugo pesado, que nos im- | põe a Inglaterra, o cadaver da monarchia erguer- | se-hia do túmulo em que dorme há tres seculos, | e seriamos de novo senhores do Atlantico. E que | murmurassem os filhos da Europa ! que nos im- | portava o egoismo de uma provincia remota ? Lá | só existiam as recordações gloriosas do passado ; | aqui porém estava a grandeza do futuro. Aqui... | estava uma epopéa, não a das luctas estereis do | Oriente, mas a das lides pacificas e dos fructos sa- | zonados da civilização.—Os portuguezes rejeitaram | esse brilhante destino. Fazia-lhes falta o docel da | realeza, o grupo matizado dos cortezãos ! Estavam | tão ermos os paços de Belém ! Clamaram em altas | vozes pelo seu monarcha esses vassallos zelosos : | Dom João VI obedeceu-lhes e abandonou o Brazil. | Desde esse dia está consummada irremissivelmente | a separação. De hoje ávante o oceano rolará entre | dous povos.

MILITAR.

Assim será, não duvido, mas o principe nem | por isso deixa de ser.... (Hesitando)

Dom JOSÉ.

O que ?

MILITAR.

Não o direi alto, que muitos curiosos nos cer- | cam (Afastam-se).

SCENA II.

1.º E 2.º DESCONHECIDOS.

1.º DESCONHECIDO.

(Em scena) E' um heróe o nosso defensor per-| petuo.

2.º DITO.

(Idem) E um heróe popular, meu caro reverendo.

1.º DITO.

Os nosso partidarios das côrtes é que estão se| mordendo, mas procuram fazer boa cara. Menos| susto lhes causou a vinda do Candido do que ago-| ra esta augusta visita.

2.º DITO.

Foi uma medida de politica bem perspicaz, e cu-| ja utilidade já reconheceu o principe na sua via-| gem a Minas. Pena será que elle não saiba apro-| veita-la. Os fructos estão maduros, porque não há| de colhê-los ?

1.º DITO.

E onde melhor que em *São* Paulo ? Mas o princi-| pe que tome as suas medidas antes que chegue o| sabio Mentor que deve conduzi-lo ás côrtes da Eu-| ropa, afim de aprimorar a sua educação.

2.º DITO.

Ah ! ah ! ah ! que vão esperando.

1.º DITO.

Olhem que a desconfiança torna bem tolos os ho-| mens, ainda que sejam deputados. (Vão-se rindo)

SCENA III.

RAPHAEL, LUIZA E VICTORINO, DESCENDO.

VICTORINO.

Meu Deos, como está bonito isto ! Que alvoroço !| Desde os tempos do conde de Palma, ou do marquez| de Alegrete, que não vejo o povo contente como| está hoje.

RAPHAEL.

O que o povo quer é festa.

VICTORINO.

Mas festa em que haja liberdade e não arrogância e bazofias de magnatas.

LUIZA.

Apreciem a variedade de gente que há. Aqui vê-se de tudo ; a baeta roça nas sedas, a farda das milícias encontra-se com o poncho dos caipiras ; olhem lá, às direitas ! um negro esbarrando-se na batina de um padre. Nunca vi semelhante mistura de pobres e ricos, de velhos e crianças. A cidade toda está aqui.

RAPHAEL.

Signal certo de que a alegria é geral.

VICTORINO.

Não é tanto assim. Gente de outra banda não vejo muitos, salvo algum negociante de jaqueta, raça de judeus, a quem o almotacé tem multado vinte vezes, e que tem por timbre servir tanto a Deus como ao diabo.

RAPHAEL.

Que fim levou a tia Onistalda ?

VICTORINO.

Cansou-se de navegar por este mar bravo, e foi dar fundo á porta da casa de fundição.

LUIZA.

Psii ! Deixem-me ouvir a musica (Intervallo de musica ; continúa o passeio e alguns vivas).

SCENA IV.

Dom JOSÉ E O MILITAR.

MILITAR, continuando.

Essa gloria era pura de mais para elle. Preferio revoltar-se contra a auctoridade paterna, e adular tendencias revolucionarias.

Dom JOSÉ.

Basta. Não vos posso seguir a esse terreno : sou servidor do principe...

MILITAR.

Primeiro que tudo sômos portuguezes, bem que| degenerados filhos dos heróes da India. Abata-se| quem quizer ; eu não hei de comer angú para agra-| dar espiritos revoltosos.

MILITAR.

Sentido ! Estais provocando um povo inteiro...

MILITAR, desdenhoso.

Se ouvísseis o que por ahi dizem !..

SCENA V.

OS MESMOS E AYRES.

AYRES.

Até que os encontrei.

Dom JOSÉ.

És tu, Ayres ? Que andas fazendo ?

AYRES.

Passeio, meu pai, e divirto-me com o que vejo.

MILITAR, jovialmente.

E quaes são as bellezas que o encantam ?

AYRES, no mesmo tom.

As da natureza, meu coronel. São Paulo é um| viveiro de moças bonitas, mas em compensação as| velhas são horriveis.

Dom JOSÉ, rindo.

E' o effeito dos contrastes.

SCENA VI.

OS MESMOS, RAPHAEL, LUIZA, E VICTORINO,| (EM ANGULOS OPPOSTOS DA SCENA).

LUIZA.

Que linda noite ! Até o céu pôz luminarias.

MILITAR, a Ayres.

Parece-me que sabe aproveitar os seus vinte an-| nos. Ora, diga-me que tal lhe parece aquella tri-| gueirinha, que alli vem acompanhada de dous fi-| gurões, um delles sargento de linha ? Falle : *Dom Jo-*| sé lhe permite ser franco.

AYRES.

Essa de vestido branco, que está olhando agora| para as janellas de palacio ?

MILITAR.

Essa mesma.

AYRES.

E' a segunda vez que a vejo...

MILITAR.

E que mais ?... (maliciosamente).

AYRES.

E pela segunda vez confesso que é de rara per-| feição.

MILITAR.

Rara perfeição ! Isso é ser avarento de palavras.| Olhe-a bem. Que corpo formoso e languido ! Que| movimentos cheios de graça e de indolencia ! Como| o brilho de seus olhos é adormecido ! parecem duas| estrellas gêmeas, em noite quente de verão.—Real-| mente é a mistura mais deliciosa da raça branca| com o typo indiano.

Dom JOSÉ.

Valha-nos Deus ! Está-me parecendo que ídes fa-| zer um estudo sobre as bellezas paulistanas.

MILITAR.

Estudo superficial. Deixo ao vosso Ayres o cuida-| do de aprofundal-o.

AYRES, rindo.

Ah ! ah ! ah ! Coronel, qual de nós é o rapaz ?

MILITAR.

O senhor, que duvida ! Mas eu já o fui tão-| bem. Hoje o meu coração é cinza, mas cinza que| ainda conserva calôr.

RAPHAEL, amuado.

Que nos quererão aquelles fidalgos, que tanto| para nós olham ?

VICTORINO.

Para nós, não, para *Dona* Luiza.

LUIZA, com vaidade.

Deixa-los, não me hão de derreter.

AYRES.

Até já.

MILITAR.

Que vai fazer ?

AYRES.

Vou.... estudar. (Segue de longe a Luiza : *Dom* José| e o Militar desaparecem por entre o povo).

SCENA VII.

RAPHAEL, LUIZA E VICTORINO.

RAPHAEL.

Sabem o que eu desejava agora ? Era ser o prin-| cipe. Queria sahir a furto do palacio, acotovellar| desconhecido esta multidão, respirar o incenso da| popularidade, ouvir meu nome repetido mil vezes,| e formar um livro agradável de todas estas palavras| entrecortadas, de todas estas perguntas indiscretas,| de todos estes vivas incessantes.

VICTORINO.

Seria o livro mais mentiroso que se tem escripto.

LUIZA.

Quem sabe ! Já ouvi dizer que Sua Alteza gos-| tava de passeiar incógnito como aquelle rei das| Mil e uma noites.—Eu tãobem desejava, mas era| saber se aquella condessa que lá vai coberta de| seda e joias estará mais alegre e feliz que eu.

RAPHAEL.

Penso que não. A soberba é mãe da desgraça. | O ouro é brilhante, mas não deixa de ser metal.

VICTORINO.

Pois eu, como já esto cansado do passeio, que-| ria antes estar no theatro, ouvindo a Zacheli cantar| algum duetto, ou assentado ao balcão de um bo-| tequim, a comer pasteis e bolos de arroz.

RAPHAEL.

Se querem voltar para casa....

LUIZA.

Que pressa ! se ainda é tão cedo ! Demos outro| gyro pelo pateo e depois voltaremos.

RAFAEL.

Pois bem ; fica passeiando com o Victorino, em| quanto vou comprar alguns doces para ti. Eu logo| volto.

LUIZA.

Procrure-nos aqui ; sim, mano ?

RAPHAEL.

Está dito. (Vai-se : Ayres e o militar no fundo).

VICTORINO.

Estou com medo que a tia Onistalda pegasse no| somno ahi por algum canto.

LUIZA.

Lá começa a musica : vamos ouvil-a de mais per-| to. (Afastam-se. Intervallo de musica).

SCENA VIII.

1.º e 2.º DESCONHECIDOS, O MILITAR E DEPOIS| RAPHAEL.

1.º DESCONHECIDO.

Que noticias há de Lisboa ?

2.º DITO.

Más. Continúa a mesma obstinação dos portugue-| zes na guerra que fazem á emancipação brasileira. Esperam-se novos decretos repressivos. Os deputa-| dos paulistas têm-se assinalado na defeza dos nos-| sos direitos. Antonio Carlos sobretudo faz lembrar os| Regulos e Pompilios. Mas não é de qualquer d'esses| nobres campeões que depende hoje a sorte do Bra-| sil. A hora da independencia está a soar, bate agora| talvez ; mas sem um nome prestigioso que conte-| nha as ambições, sem uma aguia possante que em-| punhe esse feixe de raios, tenho bem medo que a| hydra da anarchia venha dilacerar-nos.

1.º DITO.

Assim é de temer. Não existem acaso as antipa-| thias do provincialismo, origem de tantas dissen-| sões ? Ficará o Brazil retalhado em republicas como| está succedendo á America hespanhola : sem contar| com os partidistas dedicados que Portugal conserva| em algumas provincias.

2.º DITO.

Desses não me temo. Acho impossivel que o Bra-| sil continúe unido á corôa portugueza. (Ao Militar)| Não pensa assim, meu caro senhor ?

MILITAR.

Não vejo impossibilidade em uma união que exis-| te há tão largo tempo.

RAPHAEL, procurando alguem.

Aonde foram elles ?

2.º DESCONHECIDO.

O estado actual é muito differente : lusos e bra-| sileiros têm-se extremado.

MILITAR, com escarneo.

Sim... graças á vossa mistura de sangue.

RAPHAEL, voltando-se vivamente.

Chama-nos então.... mestiços ?

MILITAR.

Póde entender como quizer.

RAPHAEL.

Mestiços ! Ah ! meu bravo, a vós outros cabe| metade da injuria. Tomai-a ! (Animando-se) Não vos| envergonhais de lançar-nos em rosto consequencias| do crime por vós praticado ? Por vós, que tendes| feito da America um pelourinho? Por vós, que

não| podendo obrigar o indio a cultivar a terra de que| o despojastes, ídes procurar além dos mares servos| mais obedientes e mais vís?—Quaes serão os que,| ainda não satisfeitos com a exploração infame dos| sentimentos do amor e da paternidade, não desde-| nham fecundar o leito da escravidão ? Somos nós,| de certo.—Sois generosos em demasia : não o achais,| senhores ?

MILITAR.

Bravo ! Está fallando como um letrado.... mas| não me admiro : parece-me interessado na causa| que advoga com tanto calôr.

RAPHAEL, sério e contendo-se.

Basta de insolencias, senhor. Se o seu trajo não| é um disfarce, dirijo-me a um militar ; eu trago| tãobem uma espada que ganhei na Cisplatina. Quer| dar-me a honra de vir commigo ?

2.º DESCONHECIDO.

Mestiços a nós.... que insulto !

MILITAR.

Nunca recusei um desafio. Se bem que proposto| por um inferior.... Vamos !

RAPHAEL.

Tende a bondade de seguir-me. (Vão-se).

2.º DESCONHECIDO.

Que tal lhe parece esta ? (Para o 1.º).

1.º DITO.

As affrontas não me admiram. Estes lobos de| boa vontade nos estrangulariam, se o seu poder| chegasse a tanto.

UM HOMEM DO POVO.

Viva o nosso bravo sargento !

UMA MULHER.

Que fez elle ? Como se chama ?

O HOMEM.

Raphael Proença. E' meu conhecido, e acaba de| desafiar um atrevido mata-
mouros que estava a| apouquentar-nos, á nós Brasileiros. Lá está se ba-| tendo, Deus o
ajude.

A MULHER.

Oh meu Deus ! Vou já correndo contar isto á| minha chará. (Vai-se).

1.º DESCONHECIDO.

Verá como a noticia espalha-se em pouco tempo| por todo este povo.

2.º DITO.

Basta que as mulheres entrem nisso. (Afastam-se.| Vai-se levantando um
borborinho no povo).

SCENA IX.

LUIZA E VICTORINO.

LUIZA.

Paremos aqui : o mano não póde tardar.

VICTORINO.

São dez horas, e o povo cresce cada vez mais| e fica desassocegado. Dizem cada
mentira ! Uns| fallam em recrutamento ; outros em levante dos| portuguezes, inimigos
do nosso principe, que Deos| conserve por muitos annos....

LUIZA.

Cousas sem pé nem cabeça.

VICTORINO.

As cousas sem pés são as que andam mais, e as| que perderam a cabeça mais
presumem de ter in-| teirinho o miôlo.—*Dona* Luiza, está vendo aquelle su-| jeito
pimpão, que ali passa com chapéo amarro-| tado e uma casaca do tempo de Martim
Affonso ?

LUIZA.

Estou vendo. Quem é ?

VICTORINO.

Sem mais nem menos é aquelle a quem devo a| honra de vir a este mundo, posto
que por decen-| cia chamem-me filho de pais incognitos. O que há| muito nesta terra são

pais de filhos incognitos, se-| meadores que não colhem. Este bom velho creio| que nunca pensou na minha existencia, e eu dei-| xo ficar a cousa assim, porque não desejo herdar| o seu chapéu amarrotado, nem a sua casaca decré-| pita. (Redobra o tumuto na multlidão).

SCENA X.

OS MESMOS E A MULHER DE HA POUCO.

LUIZA.

Olhe, Victorino, como o povo está amotinado. O| que será aquillo ?

A MULHER.

Não sabe então, minha flôr ? Eu lhe conto. E'|um desafio que houve entre um sargento....

VICTORINO.

Um sargento !

A MULHER.

Sim, é um guapo sargento, bravo com um leão. | Desafiou uma duzia de soldados, dos portuguezes, | e lá estão malhando.

VICTORINO.

E como se chama elle ?

A MULHER.

Ora, deixe-me lembrar.... Raphael Proença.

LUIZA, atemorizada.

Meu irmão !

A MULHER.

Ah ! é seu irmão ? Pois saiba que é um valente| homem. Até logo : vou correndo contar isto ao meu| compadre. (Vai-se apressada).

VICTORINO, anciado.

Esperem um pouco, mulher. Conte-me onde elles| estão.... (segue-a correndo ; grande reboliço do povo).

LUIZA.

Victorino, aonde vai ? Não me deixe só, por pie-| dade ! (Uuma onde de povo envolve-a, cáe). Me acudam !| (Musica).

SCENA XI.

LUIZA E AYRES.

Confusão. O povo afasta-se e deixa vêr Ayres, que traz Luiza| desfallecida para o meio da scena. A agitação vai ces-| sando gradualmente.

AYRES.

Oh meu Deos, quasi a suffocaram. Que linda ca-| beça ! Vou conduzi-la para alguma casa, até que| recobre os sentidos.

LUIZA, tornando a si.

És tu, Victorino ?

AYRES.

Não, mas creia que é um amigo. Sente-se melhor,|menina ?

LUIZA, confusa.

Sim, já estou boa : deixe-me ir procurar meu| irmão.

AYRES, detendo-a.

Bem vê que isso agora é impossivel ; não se| póde atravessar a praça. Diga-me aonde fica a sua| casa ; para lá iremos, e em breve ter-se-há noticias.

LUIZA.

Mas deixa-lo em meio de tantos inimigos !

AYRES.

Está enganada ; eu estive presente ao desafio. O| contrario de seu mano é um velho militar, um| pouco teimoso, mas de excellente coração. Creio| que se contentarão com cruzar as espadas.

LUIZA.

Ah ! senhor, Deus o encha de benções pelo que| acaba de dizer-me ! já estou tranquilla. Deixe-me| buscar uma pessoa conhecida com quem possa vol-| tar á minha casa.

AYRES.

E porque não serei eu mesmo ?

LUIZA.

Não quero dar-lher mais esse incommodo.

AYRES.

Eu lhe chamo felicidade. Aonde mora ?

LUIZA.

Rua da Cruz preta, em uma esquina.

AYRES, batendo na testa.

Louco que sou ! Hoje é o primeiro dia que pas-| so nesta cidade ; não conheço ainda as ruas. Tome| a senhora mesma o caminho, e eu a acompanharei.| Aqui o meu braço ; firme-se nelle.

VICTORINO, chegando.

Dona Luiza, aqui estou.

LUIZA.

Ah, Victorino, não pensava que fosse assim ! A| não ser.... este senhor, ficava eu hoje pisada por| todo esta gente.

VICTORINO.

Agradeço muito a elle os seus favores, e peço| perdão á senhora : mas quando ouvi fallar que o| padrinho estava cercado de inimigos, não pude dei-| xar de acudir.

LUIZA.

Encontrou-o?

VICTORINO.

Sim. Houve intervenção da policia e tudo aca-| bou por duas cutiladas.

AYRES.

Senhora, vejo que já não necessita do meu pres-| timo : bem a pezar meu, deixo a sua companhia.| O que me consola é que, graças a esta noite, por| algum tempo lembrar-se-há de mim.

LUIZA.

Como de um amigo generoso, a quem devo tal-| vez a vida. Vamo-nos, Victorino. Deus o guarde,| senhor, e o felicite pelo bem que me fez.

AYRES.

Felicitar-me !... ah ! bem o podia a senhora, sem| recorrer a Deus ! (Pausa. Luiza e Victorino partem).

SCENA XII.

AYRES, só.

(Seguindo Luiza com os olhos). Rua da Cruz pre-| ta, em uma esquina.... Heide vê-la ainda uma vez. (Pensativo). E' tão formosa ! (O movimento do povo| tem cessado : a musica repete o hymno constitucional. | Cae o panno).

FIM DO PROLOGO.

ACTO I.

ENTREVISTA DE AMOR.

ACTO I.

Sala pequena em casa de Raphael Proença. Uma janella de postigo, á| esquerda. Portas no fundo e á direita. Mobilia no gosto antigo,| cadeiras forradas de couro, candieiro de cobre sobre o bufete.

SCENA I.

RAPHAEL, VICTORINO DE BRAÇOS CRUZADOS, LUIZA| SENTADA NO VÃO DA JANELA E ONISTALDA COM UMA| CANDEIA NA MÃO.

RAPHAEL, afivellando o cinturão.

Então, tia Onistalda, que noticias nos dá da cêa ?| Olhe, que eu tenho pressa de sahir !

ONISTALDA.

Tenha mais um bocado de paciencia, Inhôzinho,| que a meza já está posta.—Ai ! eu não posso lidar| tanto. Estou do meio dia para a tarde.

VICTORINO.

Tarde, diz ella ! Isso é cousa que já passou : vá| rezando as Ave Marias, tia Onistalda, que vossuncê| já regula por ahi.

ONISTALDA.

Salta p'ra lá, tagarella ! eu te arrenego. Vim aqui| dentro buscar.... não sei o que.... ah sim ! uma| faca que deixei alli.

VICTORINO, á parte.

Tomei quezilia com esta mulher. Que figura ?| Parece um sacco de pinhões.

ONISTALDA, passando por Luiza.

(Em voz baixa). Siu, nhanhã !... elle está ahi| defronte.

RAPHAEL.

(Pegando rapidamente no braço de Onistalda, que| deixa cair a candeia) Como ! que está ahi dizendo,| mulher ?

ONISTALDA, a tremer.

Ai ! pois mecê ouviu ?

RAPHAEL, irado.

Responda-me, se quer viver. Quem é esse elle?| não me está ouvindo ?

LUIZA, chegando-se.

Mano !

RAPHAEL.

Com mil demonios ! O que ella te disse, Luiza?

VICTORINO.

Ora, ora ! forte novidade ! Padrinho, quem está| ahi é o preto aguadeiro.

ONISTALDA.

Sim, é elle mesmo.... o Luiz.... Veio buscar o| dinheiro.... de dous barris.

VICTORINO, á parte.

Vá mais esta para o sacco !

RAPHAEL.

(Depois de alguns momentos de duvida). Então para| que diabo são estes segredos ? (Larga Onistalda que| respira com ruido). Paguem o que devermos ! não| quero crédores.

ONISTALDA, erguendo a candeia.

Ah ! minha Nossa Senhora, que mão pesada !

RAPHAEL.

Vamos, marche para a cozinha, que é lá o seu| lugar. (A' parte). Ai de quem me quizer enganar !| (Onistalda sahe ; Luiza torna-se inquieta).

SCENA II.

RAPHAEL, LUIZA E VICTORINO.

VICTORINO.

Pobre mulher ! Sahio vendendo azeite ás canadas.

RAPHAEL.

Vai-me fechar aquella janella, Luiza.—Póde bem| ser que fizesse agora um juizo temerario, mas é| certo que não me fio inteiramente d'esta mulher....| e nem aconselharei aos outros que se fíem.

VICTORINO.

Tem ao menos uma virtude, bem rara nos indios.| Não bebe.

RAPHAEL.

Má virtude está essa em quem gosta de fabricar| mexericos : não se descobrem com tanta facilidade.| Mas vejam se tenho ou não razão de desconfiar.| Hontem, á bocca da noite, voltando para casa, ví| a tia Onistalda que da porta da rua estava a con-| versar com um individuo, que não pude reconhecer,| por causa do capote em que estava embuçado.| (Luíza presta grande attenção).

VICTORINO.

Talvez algum parente.... Ella os tem por toda| parte.

RAPHAEL.

Não era, porque a tia Onistalda tractava-o por| senhor. Uma suspeita instinctiva, que não pude| vencer, fez-me parar na esquina. O embuçado pa-| recia pedir alguma cousa que lhe era negada, até| que tirando um objecto branco, que julgo ter sido| uma carta, entregou-o á velha e desapareceu. Mos-| trei-me então. A tia Onistilda estava

confusa.... eu| não lhe disse palavra.... Confesso que envergonhei-me| de patentear a minha espionagem. Pretendo dar-lhe| alguma gratificação e despedi-la brevemente, pois| não preciso de correios em casa.

VICTORINO.

Isso não quer dizer nada. E' scisma sua, padri-| nho.

RAPHAEL.

Scisma?—Pois vão ouvindo. Hoje, ao levantar-me,| fui direito á janella e abri-a. Por dentro do posti-| go, que casualmente ficára aberto, ví eu.... advi-| nhem o que !... uma rosa branca. Linda flôr na| verdade, mas seria fatuidade em mim acreditar que| me era destinada.... como seria milagre ter brota-| do alli no espaço de uma noite.

VICTORINO.

Ahi está uma cousa bem galante. O padrinho a| receber flôres ! Isto não faz-lhe rir, *Dona* Luiza ?

RAPHAEL, a Luiza.

De que estás triste ?

LUIZA, a custo.

De nada, mano.

RAPHAEL.

Tenho-te estranhado, há uns poucos de dias. Tu,| tão jovial, tão amiga de rir e brincar, tens ficado| séria de repente.... andas sempre a pensar.

VICTORINO.

E isto em tempo de festa, quando a nossa cidade| está feita côrte ! Estou certo que.... a rosa branca,| achada pelo padrinho, foi posta alli.... pela mão| d'algum desses bonitos officiaes, de bigodes tão bem| retorcidos.

RAPHAEL, severo.

Está certo ?

VICTORINO.

Quero dizer.... que assim me parece. Elles apre-| ciam muitos esses galanteios.

RAPHAEL.

E para quem seria a flôr ?

VICTORINO.

Para.... *Dona* Luiza, por exemplo.

LUIZA, vivamente.

Para mim !—Está enganado.... eu não procuro| ser vista.

VICTORINO.

Perdôe.... eu não fallava sério. (Ironico). Bem| sei que a senhora não cubiça essas honras... não| busca os que estão ácima de nós.

RAPHAEL.

Assim deve fazer sempre. Eu lhe dou o exemplo.| (Disfarçando). Fallemos em outra cousa. Sabem uma| novidade ? Sua Alteza Real parte ámanhã para a| villa de Santos.

VICTORINO.

Boa noticia para os figurões.... de cá.

RAPHAEL.

Como assim ?

VICTORINO.

Pódem agora encurtar os cordões da bolsa, e fa-| zer a somma total da despeza.

RAPHAEL.

Esse total há de espanta-los certamente.

VICTORINO.

Padrinho, perdôe-me o atrevimento. Se eu fosse| *Vosmicê* aproveitava esta occasião.

RAPHAEL.

Qual occasião ?

VICTORINO.

Muita gente tem sido despachada. Porque não há| de requerer ao principe um posto mellhor ? Não é| cousa difficil. Quem guerreou tanto lá pelo Sul pó-| de pedir alguma mercê sem se envergonhar.

RAPHAEL.

Eu.... pedir ? Não tenho geito para isso, nem| vontade.

VICTORINO.

Ser alferes não é desgraça.

RAPHAEL.

Como soldado possuo o bom conceito e a amiza-| de dos meus companheiros. Subindo a official, des-| pertaria a inveja.... isso é o menos.... soffreria os| desdens d'aquelles, que não têm metade dos meus| serviços.

VICTORINO.

Quem se deixa desprezar tendo uma espada á| cinta ?

RAPHAEL.

Que mal conheces o mundo ! A honra é a ge-| ração ; ninguem me tira disto. Em vão nasce um| homem, á semelhança de Deus, possuindo intelli-| gencia, rico de vontade e esperanças. Se a natureza| imprimio-lhe no rosto uma côr odiosa, se a fortuna| atirou o seu berço para dentro de uma choça, todos| os seus esforços serão baldados, trabalhará inutil-| mente. Quando mesmo conseguisse elevar-se, ergue-| ria comsigo a humilhação. Martyr de seus deveres,| dando a vida pela patria, seu destino, sua recom-| pensa é o esquecimento ; não haverá uma cruz hu-| milde para fazer menção de sua morte.-Não, Vic-| torino, eu nada pedirei.

VICTORINO.

Como quizer, padrinho.

RAPHAEL.

Que estás fazendo ahi, Luiza ? Queres abrir a| janella.... para que fim?

LUIZA.

Pareceu-me ouvir bulha fóra.

RAPHAEL.

E' engano teu : eu nada ouço.

VICTORINO.

Há de ser algum pateta que volta das lumina-| rias, fallando em Constituição, garantias, e nas| visagens que nos estão fazendo os taes deputados| do Reino. E' o que se tracta nas praças, nas casas,| nas boticas, em toda parte.

RAPHAEL.

As cabeças estão a arder. Possa acabar isto sem| grandes disturbios, e para maior honra dos brasi-| leiros. Quizesse-o Sua Alteza, e o gigante america-| no punha-se hoje de pé.

VICTORINO.

Elle continúa a se fazer de rogado, mas não terá| outro remedio se não dar o sim á noiva.

RAPHAEL.

Ficamos hoje sem cêa ? A tia Onistalda é capaz,| por despique, de deixa-la esfriar antes de chamar-| me. Vamos vêr isso. (Sahe).

SCENA III.

VICTORINO E LUIZA.

LUIZA.

(Indo espreitar curiosamente á janella da *Esquerda*.) Será| verdade ?

VICTORINO, á parte.

Coitadinha ! Olha bem, á direita, á esquerda.| Torna a olhar.... assim mesmo.... A noite é das| mais escuras, os sinos estão a dar horas, lá se| ouvem as cornetas.... mas isso que tem ? Ella há| de enxergar o seu vulto, há de estremecer a cada| um de seus passos. Ah ! maldito !

LUIZA, voltando-se

Que está dizendo, Victorino ? Maldito quem ?

VICTORINO, confuzo.

Maldito.... eu mesmo. Ora, que grande figura| sou eu ? Um pobre diabo, aprendiz de alfaiate, que| passo a dia movendo os braços e a noite baten-| do as pernas. Mas sempre tenho o meu presti-| mo, divirto um pouco aos outros. Lá isso é muito| certo. Eu toco viola por pontos, canto dous ou tres| lunduns, e uma duzia de modinhas, danço, sapa-| tês : emfim sou um bom parceiro, inimigo da tris-| teza e de brigas ; e como não sou inteiramente| vadio, mereço o pão que estou comendo.

LUIZA.

Nós é que não merecemos semelhantes queixas,| senhor Victorino.

VICTORINO.

Oh ! meu Deus ! não me falle assim. Senhor Vic-| torino !... Pois eu estou fazendo queixas ?

LUIZA.

O mano tractou-lhe mal hoje ?

VICTORINO.

Nem hoje, nem nunca.

LUIZA.

Então sou eu a criminosa. Aqui estou : de que| me accusa ?

VICTORINO.

De nada, *Dona* Luiza. Se lhe offendí, perdôe-me.| E' que ás vezes tenho certas idéas, certas esperan-| ças.... cousas de rir, passam logo. Bem sabe que| eu procuro prestar-lhe algum serviço, sempre que| posso. Hoje mesmo.... se é que sirvo para alguma| cousa.... disponha de mim.

LUIZA.

Porque hoje então ?

VICTORINO.

Vejo que não lhe mereço confiança. Pois bem,| começarei eu. Vê esta cartinha ? E' a de que o| padrinho fallou. A tia Onistalda perdeu-a, não sei| como, mas eu a ergui logo e parece que ninguem| mais a viu. Aqui está ella.

LUIZA, tomando a carta.

Uma carta ! (Lê-a tremendo, torna a dobra-la e| com os olhos baixos). Victorino, diga-me uma cousa :| vossê leu este bilhete ?

VICTORINO.

Lí, sim, senhora.

LUIZA.

E conhece a pessoa que o escreveu ?

VICTORINO.

Conheço.

LUIZA, escondendo o rosto.

Deus meu, é certa a minha deshonra !

VICTORINO.

Conheço, sim. Eu sei de tudo, e vou-lhe dizer| para que se fie de mim ; mas antes perdôe-me.| Sim, *Dona* Luiza, perdôe-me ter sido um espião, um| villão-ruim, que tem seguido os seus passos, esprei-| tando as suas acções : mas eu, talvez pela demasiada| confiança que me davam, pensava que eramos to-| dos da mesma familia. Metteu-se-me isto na cabeça.| Tinha ciumes de quantos passavam por diante desta| casa ; da quitandeira que parava a conversar com| a tia Onistalda, do estudante de latim que ao vol-| tar da escola enfiava os olhos pelo nosso corredor,| do soldado que vinha visitar o padrinho ; emfim,| tinha ciumes de todos e de mim mesmo. Parecia-| me que a nossa casa era um Paraiso terrestre, por| onde os homens deviam passar de largo, com os| olhos baixos. Quer que lhe diga tudo ? Quando eu,| á noite, levava de viola até tarde, subindo e des-| cendo a rua, era ainda a mesma desconfiança ;| meu coração estava sempre sobresaltado, sempre| aqui.—Que loucuras, não é assim ? Perdôe-me.— Foi então que me encontrei com o *Senhor* Ayres. Não| se o que me fez desconfiar dos seus passeios a| esta rua. Elle chegou-se a mim, e indagou se a| senhora não tinha adoecido com o susto que te-| ve aquella noite da chegada do principe ; e por| ahi seguio, fazendo perguntas sobre as pessoas de| casa : respondi a alguma dellas, afim de vêr qual| era o seu intento. Descobrio-se a final, e offere-| ceu-me dinheiro, se quizesse encarregar-me de uma| carta delle para a senhora. Dei-me aos diabos| com a tal proposta, e quiz arrumar-lhe uma tunda ;| mas fui eu que a tomei. Lembra-se d'aquelles tres| dias, que andei de lenço atado na cabeça ? Pois| foi elle.—Ante hontem, mexendo o samburá em que| tia Onistalda faz as compras, achei no fundo um| papel : era uma carta que o *Senhor* Ayres lhe man-| dava.... Que zanga tive de saber lêr ! Deu-me von-| tade de rasgar aquella maldita carta e engullir os| pedacinhos. Não fiz tal, pu-la no mesmo lugar.| Eu queria experimentar. A carta porém foi recebi-| da.... lida.... guardada.... Para que vigiar mais ?| A serpente tinha entrado no paraiso.—Peço-lhe ou-| tra vez perdão, *Dona* Luiza, e disponha de mim co-| mo quizer.

LUIZA.

Falla-me isso de coração ?

VICTORINO.

E' só como eu sei fallar.

LUIZA.

Eu me entrego á sua amizade. Vossê é bom....| nada há de dizer ao mano.

VICTORINO, á parte.

Máo principio. (Alto). Nem meia palavra.

LUIZA.

Escute. Elle está alli, enconstado na esquina, á| minha espera.... quer fallar-me. Raphael não tarda-| rá a sahir. Depois.... eu lhe peço.... faça esse moço| entrar aqui.

VICTORINO, com força.

Aqui ?.... Isso não. Pelo Senhor Bom Jesus de| Iguape !

LUIZA.

Victorino !

VICTORINO.

Prometti servir-lhe no que pudesse, hei de cum-| prir a palavra que lhe dei. Quer que defenda esse| homem, que o tracte como se fosse meu irmão, que| lhe obedeça como escravo?... quer que me incumba| dos seus recados ? Farei isso, descerei a tanto. Mas| introduzir um estranho, em ausencia de meu pa-| drinho, nesta casa que serve-me de abrigo.... nesta| casa em que tenho sido tractado como filho.... não !| nem fallar nisso, *Dona Luiza.*

LUIZA.

Olhe, Victorino ; elle não se há de demorar, sa-| hirá immediatamente. Quero só dizer-lhe duas pa-| lavras.... que fuja d'aqui, que não me procure, que| eu o aborreço de morte.... Ah ! se soubessem co-| mo eu tremí por elle, quando, ha pouco, Raphael| percebeu o que me dizia a tia Onistalda ! Fiquei| sem uma pinga de sangue no corpo. Faça o que| estou a pedir.... nada custa.... Eu sempre fui sua| amiga, não é ? porque não ha de fazer-me esse| favor ?

VICTORINO

Mas é que.... não sei o que faça.

LUIZA.

Faça o que eu lhe digo.... não se ha de arre-| pender por isso.

VICTORINO.

Se meu padrinho chega a descobrír....

LUIZA.

E' mesmo para evitar essa descoberta que eu| quero fallar-lhe, persuadi-lo a que não se exponha,| que não ande por tão perto.... que volte ao seu| palacio.... que me deixe.

VICTORINO, vacillando.

Ah ! que se fosse assim !...

LUIZA.

Não acredita pois em minhas palavras ? Falle,| quando é que o enganei ? Ah ! já sei o que é ; pensa| que eu tenho amor a elle : não ! nenhum, posso| jurar. Isso seria uma loucura. Elle está muito alto| para mim. Filho de fidalgos, e eu irmã de um sol-| dado.

VICTORINO.

Sargento, e muito honrado. Quem disse o con-| trario.... quebro-lhe os queixos.

LUIZA.

Não ouviu o que Raphael mesmo esteve nos di-| zendo ? A honra é a geração.

VICTORINO.

Será. Que nos importa isso ?

LUIZA.

Nós arranharemos tudo muito bem. A rua está| deserta, e quando Raphael tiver sahido para o quar-| tel, dirás ao *Senhor* Ayres que entre. Peior é andar| elle rondando esta casa ; o mano está desconfiado,| e os vizinhos.... o que já não terão dito !

VICTORINO.

Está bom, eu farei quanto me manda ; que re-| medio posso eu dar a isto ? O que há de aconte-| cer tem muita força.

LUIZA.

Ah meu rico Victorino !

VICTORINO, á parte com tristeza.

E a dizer-me que não lhe tem amor !

SCENA IV.

OS MESMOS E RAPHAEL.

RAPHAEL.

Prompto e em marcha. Os soldados não correm| perigo de envelhecer á meza. Vamos vêr se há ser-| viço.... e que não haja.... voltarei tarde.

Ran, tan, plan, tan, plan, zabumba,| Bella vida militar !

Victorino, cerre bem a porta, rezem o terço e| durmam na paz do Senhor. Dê-me d'ahi o boné.| Vio o meu punhal ?

VICTORINO, dando-lh'os.

Aqui estão.

RAPHAEL, sahindo.

Adeus, gente.

VICTORINO.

Deus o acompanhe.

SCENA V.

LUIZA E VICTORINO.

Ficam silenciosos por algum tempo. Luiza vai depois á| janella e espreita de joelhos.

LUIZA.

Está parado e a fumar.

VICTORINO.

Quem ?

LUIZA.

Meu mano : vai agora descendo a rua.

VICTORINO.

E o outro.... foi-se embora ?

LUIZA.

Não. Sempre no mesmo lugar. (Levanta-se).

VICTORINO.

O que se tem de fazer faça-se já. A consciencia| está a remorder-me, mas eu dei palavra. Dona Luiza,| pela ultima vez lhe peço : não faça esta impru-| dencia. Pense bem.

LUIZA.

Descance, Victorino, e faça o que eu lhe ordenei.

VICTORINO, resolutamente.

Vamos lá. (Sahindo). Este mundo.... este mundo....| (Luiza desce á bocca da scena).

SCENA VI.

LUIZA, só.

Meu Deus, que lhe vou dizer ? e o que elle dirá| de mim ? Tenho o espirito n'uma confusão ! E'| preciso desegana-lo, mostrar-lhe o obstaculo que| nos separa.... para sempre ! E depois que tiver| cumprido este dever, um adeus eterno e animo para| encarar a vida. Animo ?... é o que me falta. Porque| havia de apparecer-me este homem ? Porque deixei| entrar n'alma este sonho d'uma existencia superior| ao meu nascimento ? Se ainda elle fosse pobre, se| fosse humilde e desprezado.... seria uma grande| ventura. Não posso ter-me de pé.... que fraqueza| esta minha !...-Quem fallou ? ah ! é Victorino....| e vem acompanhado. (Mão no peito). Coração, não| batas tanto !

SCENA VII.

LUIZA, VICTORINO E AYRES.

VICTORINO.

Póde entrar, senhor, sem receio.

AYRES.

Como foi isto ? Custa-me a acreditar. (A Victorino,| dando um patacão). Meu rapaz, tome esta moeda| em agradecimento, e depois.... procure-me.

VICTORINO.

Dinheiro ? ! Nada, não preciso d'elle. Guarde-o.| O meu officio é outro. (Indo a Luiza). Está con-| tente ?

LUIZA.

Retire-se agora.

VICTORINO, espantado.

Como disse ?... Retirar-me !

LUIZA, fitando-o.

Sim. Teme alguma cousa ? Retire-se e vigie á| porta.

Mais essa ! E' o que eu não esperava. (Rispi-do).| Boa noite. (Sahindo). O peor é dar-se o primeiro| passo. (Passando por Ayres). Ora pois, porte-se como| homem de bem. (Sahe. Ayres aproxima-se indeciso).

SCENA VIII.

LUIZA E AYRES.

LUIZA, inclinando-se.

Ahi tem uma cadeira, senhor. Póde sentar-se.

AYRES.

Obrigado. Aceito. (Senta-se). Senhora, a commo-| ção em que me vê diz-lhe bastante o apreço que| dou á graça que acabo de receber, e me parece| ainda um sonho delicioso. Há dez dias que lhe| consagro todos os meus instantes. Há dez noites| que passo velando embevecido ao pé das suas janel-| las, ditoso por estar mais perto da senhora. Quan-| tas cartas não lhe tenho escrito ! Quantos meios| não tenho imaginado para vê-la de relance ! Este| pensamento immutavel, esta insistencia maravilhosa| não póde ser recebida com fria indifferença ; não| julga assim ? Ella deve produzir amor ou odio. E| agora pergunto a mim mesmo a qual destes dous| sentimentos devo a felicidade de estar aqui, adiante| da senhora, á noite, sem testemunhas, como dous| amigos que a longos annos se não viam. Em seus| olhos não percebo vestigio algum de odio.... pode-| rei lêr nelles o amor?

LUIZA.

(Com acanhamento). Essa curiosidade.... não pos-| so satisfazer.

AYRES.

Pensa que o desejo ? Não. Eu sou agora como| um doente, exaustado de febre e de insomnia ; que| conta as horas, a revolver-se no seu leito solitario ;| até que, descobrindo os primeiros clarões da ma-| drugada, suspira, fecha os olhos e adormece. Sin-| to-me tão feliz !

LUIZA, agitada.

Escute-me agora, senhor, eu lhe peço. Ao dar| um passo tão melindroso, não tive o intento de| satisfazer vaidades, escutando palavras que não fí-| cam bem na bocca que as profere, nem dever soar| em meus ouvidos. E' verdade que recebendo-o nesta| casa, em ausencia de meu irmão, contradigo-me,| expondo esta mesma reputação, de que pareço tão| zelozza, mas Deus sabe qual foi o meu pensamento....| Senhor, deve entender-me : peço-lhe com a instancia,| de joelhos, se fôr preciso, que se afaste desta casa,| que não procure mais vêr-me.... (Com esforço). Do| contrario.... a sua vida corre perigo....

AYRES, altivo.

Minha vida !... ninguem tema por ella !

LUIZA.

Raphael é bom e reconhecido, mas quando se| tracta de seu nome, do seu crédito, perde o tino,| é capaz de tudo. Quando me lembro que elle po-| deria voltar agora.... E' tão desconfiado ! Deixe-me| pois, senhor Saldanha, e por este sacrificio conte| com a gratidão d'uma pobre moça. Ella já lhe era| devedora da vida, dever-lhe-há hoje a honra. Não| vê que toda insistencia seria inutil e perigosa ? Não| queira perder-me. (Com voz trémula e perturbação).| O senhor é nobre de mais para ser meu esposo....| eu muito honesta para ser sua amante. Que espera| pois ?

AYRES, impaciente.

Que espero ? Tudo. Luiza, eu estou lendo em| seus olhos como n'um livro aberto. Debalde está| a dizer-me razões que não comprehendo. Falle ; di-| rija-me rogos, ameaças, injurias mesmo. Eu só| percebo uma cousa ; é que sou amado.

LUIZA, envergonhada.

Senhor !...

AYRES.

Repellis-me, pobre criança, porque vos sentís at-| trahida, porque quereis tirar pela corrente até que-| bra-la, mas quando a vossa força esgotar-se, meu| triumpho será certo.

LUIZA, erguendo-se.

Victorino !

AYRES.

Não o chameis, de ninguem precisamos agora.| Tenho tanto a dizer-vos ! Sim, haveis de ouvir-me| quanto guardo no coração. Quero mostrar-vos esses| dias compridos, que empreguei adorando esta casa,| feliz quando via alvejar um lenço branco por de-| traz do postigo ; ou fechado em meu quarto, fu-| gindo a festas e etiquetas, para vos escrever cartas| longas e ardentes, que não têm merecido uma| palavra em resposta. Quereis vêr as minhas noites ?| Eu tenho-as gasto em tentativas inuteis ou sonhos| que me desfallecem.

LUIZA, sempre agitada.

E' tarde, senhor.... Peço-lhe que se retire.

AYRES, continuando.

Nesses sonhos eu vos vejo como aquella noite,| bella, sobresaltada, segurando-me convulsa pelo bra-| ço : outras vezes, na igreja dos Remedios, de man-| tilha preta, que não podia encubrir uns olhos bri-| lhantes, nem disfarçar um corpo gracioso.|

LUIZA, sentida.

E' isto o que tinha para dizer-me ?

AYRES, com ardor.

O que eu vos queria dizer, Luiza, é que esta aproximação de nossa existencia tem alguma cousa de fatal, e que a morte é o unico obstaculo á união de duas almas apaixonadas.

LUIZA.

E eu lhe digo, senhor, que a sua confiança é de- masiada, que não conseguirá ruins intentos. (Com esforço). Sou fraca, conheço bem isso, mas saberei defender-me das suas seducções.

AYRES.

Quem vos falla em seducção ? Não merecia ser avaliado tão mal. Olhai para mim, Luiza ! Eu vos amo mais do que a meu pai e mais do que á vi-da : como ousaria a sangue frio manchar a minha primeira affeição ? profanar o meu idolo ?

LUIZA, anhelante.

Ayres !

AYRES.

Sim, dá-me esse nome ; como elle me parece doce, pronunciado pela tua bocca ? Eu amo-te, pobre anjo, e é tanta a força deste amor que a meus olhos desaparecem os perigos. Temes teu irmão, eu duvido de meu pai ; como póde ser que os entes, a quem damos nomes tão santos, tornem-se inimigos mortaes da nossa felicidade ? Não é possível ! Não nos deixemos abater, que o tempo é precioso. Sua Alteza Real pouco se póde demorar aqui e meu pai deve regressar com elle. Chega-te ao pé de mim, Luiza.... mais perto.... quero contar-te o que tenciono fazer.

LUIZA, escutando sobresaltada.

Meu irmão....

AYRES.

Teu irmão é talvez como meu pai, afferrado aos seus preconceitos, sacrificando tudo a um ponto de honra ; mas Dom José de Saldanha tem coração de pai, e sou eu o seu unico amor, o seu primeiro orgulho. Quando eu fôr lançar-me a seus pés, e quando lhe der a escolher, d'uma parte o sacrificio de algumas conveniencias, com uma vida toda de gratidão e respeito ; e d'outro lado a revolta ou a desgraça de seu unico filho.... vacillará talvez, mas o amor paterno há de prevalecer.

LUIZA.

Se eu ao menos tivesse os favores da fortuna !

AYRES.

De pouco te valeriam, Luiza. Meu pai desprezaria| a riqueza, ainda que lhe apresentassem todo o ouro| das Minas. Faria mesmo um esforço para esquecer| a humildade do teu nascimento. O que eu temo,| o que faz-me estremecer de pavôr....

LUIZA, offendida.

O que queria dizer ?

AYRES.

Não te magôes, Luiza. Eu não te quero offender.| Se eu te amo !

LUIZA.

Eu !... eu tambem.... (Cala-se perturbada).

AYRES, jubiloso.

Acaba, Luiza !... deixa fallar o teu coração !...| E' como eu quero. Abrires-me a tua alma inno-| cente, para eu guardar nella meus jubilos, minhas| lagrimas. Tenhamos coragem e chegaremos á ven-| tura.

LUIZA, vencida pelos affectos.

Ou á morte. Ayres, tem razão ! Meu sangue não| é puro.... ferve, queima-me ! e quando lhe ouço| fallar em sermos felizes.... Não ! nunca o sere-| mos !... E apezar disso, a minha lama arremessa-se,| abraça esta idéa insensata, e quanto ella faltar-me....| cahirei morta !

AYRES.

Não me falles em morrer : seria blasphemar de| Deus. Hoje mesmo contarei tudo a meu pai, hei de| abranda-lo ; depois tra-lo-hei aqui, e quando elle| te vir, a tua belleza, a tua angelica bondade....

SCENA IX.

OS MESMOS E VICTORINO.

VICTORINO.

(Trémulo e apressado). Estamos perdidos !

AYRES.

O que succedeu ?

VICTORINO.

O padrinho está de volta.

LUIZA, afflicta.

Raphael ?

VICTORINO.

Elle mesmo.

AYRES.

Olhe bem que póde ser engano.

VICTORINO.

Eu enganar-me !... não é possível. Se eu fosse| cégo, era capaz de conhecer o seu passo no meio| d'um esquadrão de milicianos. Vi-o dobrar a es-| quina.

AYRES.

Deixem-me sahir....

VICTORINO.

Para ir esbarrar-se com elle ? Por ahi já não se| póde effectuar a retirada. A unica sahida que tem| é aquella janella.

AYRES.

Que ! pois eu hei de saltar por ahi ?

VICTORINO.

Assim é preciso. (A meia voz). Para escalar a| praça não acharia cousa tão difficil.–Vamos lá,| menino.

LUIZA.

Ah ! meu Deus, ouvi bulha.

VICTORINO.

E' o padrinho que empurrou a porta. Falle mais| baixo, senhor.... ou antes não falle.... saia !

AYRES.

(A Luiza, abraçando-a). Eu não me esquecerei do| que promettí. Adeus, camarada.
(Sóbe á janella e| salta ; o postigo fica erguido.)

VICTORINO.

O demo te persiga. Abraça-la adiante de mim....| que desafôro !

LUIZA.

(Apoiando-se em uma cadeira). Se elle me falla....| estou perdida.

SCENA X.

LUIZA, VICTORINO E RAPHAEL.

RAPHAEL.

(Largando o capote). Não esperavam vêr-me vol-| tar tão cedo, de certo. Saibam que ámanhã tenho| de ir a Santos acompanhar o Principe real. Não| gostei da incumbencia, mas esta vida acostuma-nos| a tudo. (Descansando). Então que fizeram vossês ?

VICTORINO.

Nada, pradrinho.... Iamos dormir.

RAPHAEL.

(Observando, desconfiado). Parecem tão assustados.| Andou por aqui alma de outro mundo ? (Vendo a| janella aberta). Ai ! que é aquillo ? ! (Corre ao pos-| tigo e debruça-se ancioso para fóra).

LUIZA, tremendo.

Mano, fui eu que....

RAPHAEL.

Foste tu ? Percebo agora.... não me enganei !| (Com impeto). Deshonra do meu nome.... morrerás| as nascer ! (Furioso arranca do punhal, e corre para| Luiza).

LUIZA.

(Cahindo de joelhos). Oh minha mãe !

RAPHAEL.

(Suspende-se, atira fóra o punhal e ajoelha tambem).| Agradece-lhe, Luiza....
agradeçamos juntos. Se ella| não nos olhasse do céo, teu irmão seria agora um|
miseravel. (Quadro. Cáhe o panno).

FIM DO 1.º ACTO.

ACTO II.

DOUS ORGULHOS.

ACTO II.

A mesma vista do acto antecedente. E' manhã.

SCENA I.

RAPHAEL E LUIZA.

RAPHAEL, continuando.

Foste muito leviana, Luiza, e sobre tudo muito| ingrata para commigo.

LUIZA, dolorosamente.

Pois ainda não me perdoou ?

RAPHAEL.

Esse perdão dou-t'o em premio da tua sincerida-| de.... tardía. Bem vejo que o mal
não é tamanho| como a principio imaginei ; mas não deixa de ins-| pirar-me cuidados.
Que importa que não pronun-| ciasses palavra de que tenhamos de corar ? Que| importa
que não praticasses acção alguma que se| torne nodoa do nosso nome ? Já não és livre,
mi-| nha irmã ; teus pensamentos, teus desejos, teus so-| nhos, tua alma inteira pertence
a esse homem.

LUIZA.

Por minha desgraça !

RAPHAEL.

A que devemos talvez a nossa honra ? Ao seu| procedimento respeitoso.

LUIZA.

A' sua alma grande e generosa.

RAPHAEL.

Mas não és tu unicamente quem deve implorar| perdão. Eu também sou culpado. Perdôa o meu arre-| batamento de hontem. Se soubesses como eu te amo,| o ciúme que tenho das tuas menores affeições ! Eu| nunca te disse isto, mas é assim.—Nós soldados| não gastamos o nosso tempo em protestos. Conta| pois commigo, Luiza ; mas não te hallucines. E'| pouco, muito pouco o que eu posso fazer a teu| favor. Se se tratasse de defender te, de vingar uma| injúria, de derramar por ti o meu sange, verias| como eu procedo em taes casos. Se desejassem algum| desses objectos de luxo, dessas lindas teteyas, que| não possuímos, mostra-te-ia que não sei festejar a| bolsa quando pretendo agradecer-te. Satisfaria emfim| o teu menor desejo. Uma só cousa não posso fazer,| nem por ti.... é commetter uma vileza. Esse moço| te estima, dizes tu, deseja casar comtigo ; assim| será, mas o verdadeiro é não especular com um| momento de generosidade. Não nos curvemos inu-| tilmente. Aquelle que a sociedade injusta desherdou| dos seus gozos e triumphos ; o paria abjecto, cuja| vista só empesta, esse ainda póde conservar in-| tacta a sua dignidade, o seu orgulho ; póde dizer| com desdem aos grandes e opulentos : Fartai-vos,| ride e folgai embora ! não me abaixarei para er-| guer as migalhas de vossa meza : o meu pão sec-| co hei de comê-lo com prazer.—Vamos. Não ali-| mentes esperanças enganosas que te hão de matar.| Acostuma-te a olhar a felicidade como uma cousa| impossivel ; quando chegar a hora do desengano| terás menos a perder. Faze-te forte, como deve ser| a irmã de um soldado.

LUIZA.

(N'um soluço). Sim, eu serei forte.

RAPHAEL.

Que é isso ? Tu me despedaças o coração. Pro-| cura distrahir-te, não te entregues assim.—Vai ar-| ranjar-me a roupa : olha, eu preciso de pouca| cousa.

LUIZA.

E tenho de ficar só ?

RAPHAEL.

Por pouco tempo será. Até amanhã sómente.| Victorino há de fazer-te boa companhia. A' minha| volta.... veio-me uma boa idéa.... quando eu vol-| tar pedirei um mez de licença, e iremos passa-lo| no campo ; algures hei de arranjar uma chácara.| Que bella vida não levaremos nós ! As varzeas co-| meçam a brotar, as pitangueiras cobrem-se de flô-| res, estamos em plena primavéra. Só do que eu| não gósto é das queimadas ; o ar fica cheio de| fumo e tão pezado....

LUIZA.

E deixa tanta melancolia no coração !

RAPHAEL.

Mas assim mesmo é bello. Eu.... já se sabe !| levo o tempo todo a caçar. E tu... que pretendes| fazer ?

LUIZA.

Eu?

RAPHAEL.

Emprestarei alguma historia para nos lêres, ou| então iremos juntos ás tinquijadas. De qualquer| modo que seja, divertir-nos-hemos á grande. A vida| é boa, nosso coração é que não sabe satisfazer-se.| Ora esta !... creio que estou voltando ás tristezas,| Vai, minha filha, vai cuidar na mala.

SCENA II.

RAPHAEL, só.

Pobre creatura ! Bem vejo que as minhas pala-| vras não dão consolação, mas é só o que tenho| para offerecer-lhe. O combate não tarda, e sinto-| me sem forças para lutar. Que martyrio não é| vê-la defínhar assim, e beber suas lagrimas ! Antes| quizera ter adiante de mim as forças todas de Ar-| tigas e Fructuoso Rivera.—Meu Deos, afastai desta| casa alguma desgraça.

SCENA III.

O MESMO E ONISTALDA.

ONISTALDA.

Está prompto o almoço.

RAPHAEL.

Não quero almoçar : leve alguma cousa ao quarto| de Luiza. Depois dê uma boa ração ao meu ca-| vallo, ração de viagem. Espere, eu mesmo vou fá-| zer isso. (Sahe).

ONISTALDA.

(Sentando-se). Arre lá ! Parece que nem para isso| se fiam de mim. De certo tem medo que eu lhe| furte o milho. Ahi vem Victorino.... cantando sem-| pre.... Psíu ! Este não se ha de queixar de fastio.

SCENA IV.

VICTORINO E ONISTALDA.

VICTORINO, cantando.

Quem tiver moça bonita| Não a leve na função :| Se está livre d'um abraço,| Não está de um beliscão.

Que ditoso fim levaria a tia Onistalda ?

ONISTALDA.

Aqui estou, Pilatos. Que quer?

VICTORINO.

Almoçar.

ONISTALDA.

Sempre com a barriga nas costas, e sempre co-| mendo que nem um....

VICTORINO.

Que nem um indio, titia ?

ONISTALDA, arrufada.

Eu não sou india.

VICTORINO, á parte.

Mordeu-lhe a pulga. (Alto). Pois é pena. Os ca-| bôclos hoje estão sendo muito procurados ; maior| honra é descender de Tebiriçá que do rei de Hes-| panha. Há por ahi muita gente boa que se pudesse| deitar fóra o sangue de emboava que tem nas vêas,| fazia tal, ainda que tivesse de substitui-lo pelo de| papagaio ou anta.

ONISTALDA.

Vossê me chama de anta !

VICTORINO.

Eu, não : só se fosse pelo beijo que está me fa-| zendo. Mas vamos : dê-me de almoçar, que chego| da tenda, e de São Bento á Cruz preta não é um| pulo. Encontrei Sua Alteza Real, que parece andar| se despedindo desta boa cidade, com seu ajudante| de ordens e outras personagens, entre as quaes tro-| teava um pobre velho barrigudo, de cabelo empoa-| do, cousa muito para se vêr e apreciar.

ONISTALDA.

Hoje não se gasta dinheiro com tapioca. Não há| moda que dure. Acabaram-se os josézinhos, os cal-| ções e as saias á Zamperini..... isso é cá do meu| tempo ; vossê não alcançou. Agora ninguem falla| já em trufas e polvilhos : e o mesmo caminho hão| levar as mantilhas, os touros....

VICTORINO.

E a tia Onistalda. Requiescat in pace. Amen.

ONISTALDA.

Appello ! Vossê quer começar mal o dia, pagão ?| –Não sabe que isso é agouro ?

VICTORINO.

O que ? Fallar em lingua de padre ?

ONISTALDA.

Senhor sim. Ainda mais que esta noite esteve| cantando embaixo de minha cama um grillo preto.| E' sinal de morte.

VICTORINO.

Ora, o grillo preto !

ONISTALDA.

E os cães da vizinhança, reparou ? Uivaram a| noite inteira. Peguei um chinello do pé esquerdo,| bati tres pancadas no chão, e deixei-o virado : mas| os malditos continuaram a fazer a mesma motinada.| E' porque o sapato não era de homem.

VICTORINO.

Grillos.... cães.... Jesus ! D'aqui a pouco passa| revista aos mboytatás e almas do outro mundo.

ONISTALDA.

Vossê brinca com estas cousas !

VICTORINO.

Que esta noite houve cousa de agouro, houve ;| mas muito differente disso....

ONISTALDA.

Que foi então ?

VICTORINO.

Escusa perguntar, que não lhe conto. Parece-me| que foi a hora mais assustada que tenho tido em| minha vida.... depois do dia em que fui vêr en-| forcar o Chaguinhas.

ONISTALDA.

Pensa então que eu nada sei ? Eu reparei bem| no [[no]] moço que entrou, e não vi mais sahir....| e o grito de Inhôzinho ?

VICTORINO, á parte.

Bruxa, quem te vazasse os olhos ! (Alto). Já que| põe tanto sentido no que se passa, diga-me o que| tem feito o padrinho esta manhã ?

ONISTALDA.

Esteve aqui, batendo bocca com a irmã. Os dous| estão bem tristes.

VICTORINO.

Elles têm razões de sobra. E eu.... estou com| um medo de lhes apparecer !

ONISTALDA.

Ora diga-me : que dia é hoje?

VICTORINO.

Quinta feira, 5 de setembro de 1822. Há de ser| um bello dia ; veja só que céu ! que manhã !—| Dá-me uma vontade de sahir a correr por ahi fóra.

ONISTALDA.

Quinta.... é isso mesmo. Domingo é dia de festa| na Penha, e não me fez ainda aquella touca que| me prometteu.

VICTORINO.

Ella está quasi prompta ; milagre será se puder| accommodar esses carijós.

ONISTALDA.

Sahiu uma alma do purgatorio.

VICTORINO.

Em troca da touca que vai-me dar ?

ONISTALDA.

Almoço de café.

VICTORINO.

Almoço de café ! Sahio outro alma do pugariorio. | Eu sou capaz de passar com esse bebida ; o meu | maior desejo é que este governo de *São Paulo* cubra- | se um dia de cafezaes : só então poderei beber café | a meu contento. Em quanto começo as plantações, | vamos para a varanda. *Dona Luiza* já almoçou ?

ONISTALDA.

Não. Está no seu quarto.... fazendo renda talvez. | Agora lembrei-me de que tenho uma carta para | entregar-lhe. (Tira-a do seio).

VICTORINO.

Uma carta !... de quem é ?

ONISTALDA.

Ora ! pois não sabe ?

VICTORINO.

Ah, ai ! Se o padrinho percebe.

ONISTALDA.

Que se lhe ha de fazer ! Tenho pena destes po- | bres moços....

VICTORINO.

Essa sua pena, tia Onistalda, ainda lhe ha de | fazer penar no inferno. (Vai-se).

ONISTALDA.

Mais póde Deos e o glorioso Santo Elesbão !

SCENA V.

ONISTALDA E LUIZA.

LUIZA.

Que carta é essa ?

ONISTALDA.

Bons dias, nhanhã. Passa melhor ?

LUIZA.

Essa carta é para mim ? Quem trouxe ?

ONISTALDA.

E', sim. Um moleque de libré veio entrega-la, ha-| verá meia hora. Aqui está. Quer que lhe traga aqui| o cafêzinho ?

LUIZA.

Não , não quero.

ONISTALDA.

Ao menos uns ovos escalfadas !

LUIZA, abrindo a carta.

Tambem não quero. Deixe-me só.

ONISTALDA, sahindo.

Não sei como se póde viver assim !

SCENA VI.

LUIZA E RAPHAEL.

RAPHAEL, sévêro.

Escreveram-te, Luiza ?

LUIZA, com serenidade.

Sim, mano. Foi elle. Quer lêr?—Não ha mais| segredos entre nós. Leia alto, que eu não posso ;| tenho uma nuvem sobre os olhos.

RAPHAEL.

E tão pallida ! Não vás tu adoecer.

LUIZA.

Não, isto é nada.... falta de dormir. Verá como| logo estou boa. Faz favor de lêr ?

RAPHAEL.

Já que assim o queres.... (Lê). « Fallei a meu pai,| « Luiza. Ao principio tomou elle as minhas palavras| « como um gracejo, um capricho de criança. Mas| « quando comprehendeu a firmeza de minha voz, o| « fogo dos meus olhos, ergueu-se e interrogou-me| « severamente. Contei-lhe tudo. Nada encobri, nada| « dissimulei. Ameaçou-me então com a volta ao Rio| « de Janeiro ; respondi-lhe que era livre, e que se| « tentassem violentar-me tinha a lei a meu favor.| « Ameaçou-me com o desprezo e a aversão da so-| « ciedade ; asseverei-lhe que preferia as doçuras do| « amor. Disse que

me desherdaria ; offereci-me para| « chamar um tabellião. Supplicou-me com lagrimas| « que não enchesse de amargura os ultimos dias de| « sua velhice ; chorei com elle, mas não cedi. Cal-| « lou-se então. Oh Luiza, nunca eu vi passar n'um| « rosto humano uma tempestade assim ! afinal so-| « cegou bastante para poder fallar, e perguntou-me| « a tua morada. Elle há de ir vêr-te ; com que fim ?| « Para admirar tantas virtudes e dar-te o suave no-| « me, de filha ? ou para arrancar uma renuncia| « que eu nunca farei ? Não sei dizer. Elle padece| « horriavelmente. Meu Deus, não permittais que eu| « me torne um parricida ! Adeus, Luiza ; deveis| « amar-me e muito. »

LUIZA.

(Tomando-lhes as mãos e radiante). Então, Raphael,| não é bom ? não é altivo ? não é digno de amor ?

RAPHAEL.

Sua alma é generosa e independente.... mas é| seu pai quem tem razão.

LUIZA.

Ah ! todos me abandonam.

RAPHAEL.

Por ti eu sacrificarei.... o que puder sacrificar.| Mas temo bem pelo fim de tudo isto. Dom José de| Saldanha é um fidalgo de tempera rija, incapaz de| consentir em uma alliança, que (segundo elle) des-| honraria os seus brazões. Eu... sou um soldado| grosseiro e teimoso, que não posso soffrer a menor| dúvida sobre o meu desinteresse. Ah ! Luiza, Luiza,| entre estes dous orgulhos tu hás de ficar esmagada.

LUIZA.

E diz-me isso, mano ?

RAPHAEL.

Queres então que te minta ? Olha, quando eu| penso que póde chegar um dia em que alguém| se julgue com direito para dizer : Rapahel de Proen-| ça é um homem de tino, sabe tirar a sardinha com| a mão do gato : aproveitou-se da simplicidade de| um namorado para arranjar a irmã optimamente.| E' um homem de fortuna.—Queres que eu ouça isto ?

LUIZA, abatida.

Não me resta esperança alguma.

RAPHAEL.

Resta-te o meu amor, Luiza. Porque não havia| de elle bastar á tua alma ? Olha, Luiza, eu tam-| bem tenho-me vencido, tenho arrancado muito de-| sejo do coração.

Pensas tu que a minha mocidade| é uma arvore maninha, sem rama e sem verdor ?| Só Deos sabe o que tem sido. Mas eu nunca em-| balei essas illusões ; vestia a minha farda, dava-te| um beijo na testa e esquecia-me de tudo. Ás vezes| sómente demorava-me a olhar para o futuro e dizia| commigo : O soldado há de ter descanso um dia,| e poderá em algum retiro plantar a flôr cheirosa| de sua felicidade.

LUIZA.

E se plantasse essa flôr, mano, cultivando-a com| amoroso desvélo, regando-a com a agua de seus| olhos e o sangue mais puro, e viesse a depois o sol,| quente, sem nuvens, sem dó, e fizesse murchar a| pobre flôr, não sentiria a sua morte, não desejaria| morrer com ella?

RAPHAEL.

Eu !... talvez que assim fôsse.

LUIZA.

Vossê é homem, Raphael, é forte, póde fallar| como falla. Eu sou uma pobre mulher, hei de mor-| rer.... como morro.

RAPHAEL.

Que destino ! Luiza, tu me assustas.

LUIZA.

Porque ? Ninguem deve fazer caso do que diz| uma louca. Eu não tenho a cabeça bôa.

RAPHAEL.

Sentes febre ?

LUIZA.

Sim, tenho. Quiz vêr se dormia um pouco...| não pude fechar os olhos ?

RAPHAEL.

Banha as fontes com agua e vinagre, e deita-te| outra vez. Hás de sentir melhoras, verás.

LUIZA.

Sim, eu farei tudo quanto quizer ; mas antes| disso há de conceder-me um favor.

RAPHAEL.

Qual é ? Pódes dizer.

LUIZA.

Queria fallar a esse homem quando vier cá.

RAPHAEL.

Tu, Luiza ?—Não, sou eu quem devo recebê-lo,| elle te intimidaria facilmente e conseguiria de ti| quanto quizesse. Não tenhas medo que eu abando-| ne a tua causa, servi-la-hei o melhor que puder,| não te darei razão de queixa. Vai descançar, filha,| e tem fê nas minhas forças.

LUIZA, suspirando.

Ai ! Eu preferia a minha fraqueza.

RAPHAEL.

(A' porta da *Direita*). Victorino, venha cá. Olha, Lui-| za, vai para o teu quarto, mas não durmas ; e quan-| do eu te chamar... entendes-me ?...

LUIZA.

Sim, eu virei.

RAPHAEL.

Bem vês que satisfação como posso as tuas von-| tades.

SCENA VII.

OS MESMOS E VICTORINO.

VICTORINO.

Aqui estou, padrinho. (A' parte). Lá vai sermão.

RAPHAEL.

D'aqui a pouco há de vir procurar-me um ho-| mem. Chama-se *Dom José* de Saldanha. Faça-o entrar| para aqui, entendeu ?

VICTORINO.

Sim, senhor. (Partindo). Saldanha. Aonde foi que| ouvi este nome ?

LUIZA, vacillando.

Meu Deos ! (Victorino torna atraz vivamente).

RAPHAEL.

(Correndo para Luiza e amparando-a). Que foi isso ?

LUIZA.

Nada.... Uma vertigem....

VICTORINO.

Há de ser fraqueza. Se ella não almoçou !

RAPHAEL, sollicito.

E não queres ficar doente ! Vamos para dentro.| (Mais baixo). Minha Luiza, não te deixes abater.| Para te salvar, eu farei tudo.... tudo, percebeste ?

VICTORINO.

Quer que eu mande vir um caldo ?

LUIZA.

Não. Já passou.

RAPHAEL.

Um calix de vinho será melhor. Vem cá, firma-te| no meu braço. (Sahem).

SCENA VIII.

VICTORINO E DEPOIS AYRES.

VICTORINO.

Passou-me a vontade de rir. Não volto hoje ao| trabalho, que tudo nesta casa vai mal encaminhado.| Estou quasi acreditando com a tia Onistalda em| grillos pretos.

AYRES.

(Fóra do postigo). Victorino !

VICTORINO, espantado.

Donde é que me fallam !

AYRES.

Da janella. Abra.

VICTORINO.

Elle ainda ! (Vai abrir-lhe o postigo). Que vem| fazer aqui, imprudente ?

AYRES.

Diga-me, meu pai está aqui ?

VICTORINO.

Seu pai ?! Quem é seu pai ?

AYRES.

Dom José de Saldanha.

VICTORINO.

Ah ! Não veio ainda, mas não deve tardar muito| por ahi. Tenhor ordem de faze-lo entrar.

AYRES.

E Luiza.... não a posso vêr ?

VICTORINO.

Está doente, senhor, muito doente. Tem febre, e| há pouco deu-lhe uma vertigem.

AYRES.

Pobre anjo ! terás de voltar para o céu ?

VICTORINO.

Ah ! senhor Ayres, diga-me uma cousa. Acredita| em agouros ?

AYRES.

Que está dizendo ?—E' elle, é meu pai. Adeus,| Victorino. (Afasta-se).

SCENA IX.

VICTORINO E ONISTALDA.

VICTORINO.

Pobre moço, gosta tanto d'aquella janella ! Ai !| (Voltando-se assustado). E' a tia Onistalda.... Qual-| quer sombra me assusta. Pensei vêr um grande| grillo preto.... historias !

ONISTALDA, entrando.

Não ouviu bater, Victorino ?

VICTORINO.

Sim, eu lá vou. (Vai-se).

ONISTALDA, só.

Elle não acredita em agouros.... está bom.—Cou-| sas de velhas, cousas de crianças. Quando tem uma| cruz no pescoço pensa que Deos fechou os olhos.| O que tem vêr um grillo, uma sombra que se move,| um homem vestido de preto ? Nada. Mas esse nada| leva muita gente ao cemiterio. (Sahe).

SCENA X.

Dom JOSÉ E VICTORINO DEPOIS RAPHAEL.

Dom José entra silencioso, de feições contrahidas e sevêras.| Mistura de orgulho e ironia.

VICTORINO, afadigado.

Queira sentar-se, senhor.... aqui está uma cadei-| ra. Eou vou chamar meu padrinho. (*Dom José incli-| na-se*).

RAPHAEL.

(*Entra e corteja a Dom José*). Retire-se, Victorino.| Queria fallar-me, senhor ? (*Victorino sahe*).

Dom JOSÉ

Quero fallar ao senhor Raphael Proença.

RAPHAEL.

Estou ás ordens de *Vossa Excelencia*. (*Sentam-se*).

Dom JOSÉ.

Sargento, é a primeria vez que o vejo em minha| vida, e quanto ao senhor, creio que nunca lhe| passou pela idéa que existisse *Dom José de Saldanha*.

RAPHAEL.

Nem todos pódem ter uma fama universal.

Dom JOSÉ.

Entretanto venho pedir-lhe.... uma cousa tão singular que não sei explica-la. Tem lido novellas ?

RAPHAEL.

O tempo não me sobra para isso.

Dom JOSÉ.

Faz muito bem ; eu tambem já não as leio, mas sei o que ellas contêm. Um homem encontra-se com outro que lhe é inteiramente extranho.... Es-tamos nesse caso. Vê-lhe uma grande tristeza impressa no semblante, sympathiza com ella. Chega-se ao extranho, dá-lhe os bons dias e indaga o que tem, convidando-o a verter em seu seio as mágoas que soffre. O outro, movido pela mesma sympathia, conta-lhe a sua vida desde a meninice. Assim é, se me não falha a memoria.

RAPHAEL.

Quer *Vossa Excelencia* então....

Dom JOSÉ.

Ser seu confidente. Parece-lhe isto uma farça ? Ponho sentido que Sua Alteza Real, ou alguma outra pessoa influente deseja o seu adiantamento e mandou-me tirar informações.

RAPHAEL.

Seria melhor que *Vossa Excelencia* se dirigisse aos meus superiores. Dar-lhe-iam todos os esclarecimentos.

Dom JOSÉ.

E porque não seria o senhor ? Dá-se por sus-peito ?

RAPHAEL.

Pois bem ; seja assim como deseja.—Estou hoje com vêa de intimidade maravilhosa.

Dom JOSÉ, ironico.

O negocio é mesmo de vêas. (Raphael levanta-se impetuosamente, e estaca fitando os olhos no quarto de Luiza). Está incommodado ?

RAPHAEL, acalmando.

De nenhuma sorte. Tenho uma pessoa doente em| casa ; não é de extranhar que julgasse ouvir cha-| mar pelo meu nome.--(Sentando-se). Fallavamos nas| informações que exige de mim : quer *Vossa Excelencia* vêr| a minha arvore de costado : é pena que os meus| antepassados se esquecessem de planta-la.

Dom JOSÉ.

Um general da antiguidade dizia : A minha fa-| milia começa em mim. Não quer seguir essa opi-| nião ?

RAPHAEL.

Com muito gosto, e será um grande refrigerio| para a minha memoria. Ouça-me, *Senhor Dom José*, a| minha historia é breve. Fiquei orphão de pai na| idade de doze annos. Minha mãe teria igualmente| succumbido ao pezar, se não lhe restassem filhos,| que precisavam da sua dedicação. Fechou as lagri-| mas no seio, e trabalhou corajosamente, dia e noi-| te, para que não nos faltasse o alimento. Quando| eu começava a ser-lhe de alguma utilidade, fui re-| crutado, arrastado para longe de minha familia, ás| campanhas mortíferas do sul. O que eu soffri n'a-| quelle tempo, de saudade e de privações, é impos-| sível contar. Servi ás ordens do illustre general| Curado, combati no Carumbé e em Catalan, e ga-| nhei a banda de sargento depois da batalha de Ta-| cuarembó. Acabada a guerra com a tomada de| Montevideo, pude volta a São Paulo. Ah ! minha| mãe já não existia !--Dessde então tenho-me conser-| vado nesta cidade, e gozo graças a Deos, do me-| lhor conceito.

Dom JOSÉ.

E não tem familia ?

RAPHAEL.

Sim, resta-me uma irmã solteira, a quem muito| estimo.... Quer *Vossa Excelencia* conhecê-la ?

Dom JOSÉ.

Porque não ? A minha sympathia deve abranger| toda sua familia.

RAPHAEL, chamando.

Luiza !

SCENA XI.

OS MESMOS E LUIZA.

LUIZA.

(Pallida e trémulo). Chamou-me ?

Dom JOSÉ, á parte.

Não se fez esperar muito.

RAPHAEL.

Sim, Luiza ; vem para o pé de mim. Acanhada !| debruça o braço sobre o meu hombro, esconde essa| cara. (Animando-se). *Senhor Dom José de Saldanha*, não é certo que todo homem, pobre ou rico, bom ou| máu, festejado pela sociedade ou proscripto por ella,| tem um objecto santo, um idolo venerado, que na-| da mancha e nem se pôde manchar, que seria o| nosso Anjo da guarda, se Deos se tivesse esquecido| de no-lo dar ? Para uns é um filho, para outros| uma esposa, um amante. Póde ser tãobem a gloria, a| virtude, a liberdade. O meu idolo, senhor, ei-lo aqui ;| é esta pobre menina ; resume em si todas as minhas| affeições mortas, todos os meus sonhos do presente.| Fazê-la feliz e adorada seria para mim felicidade| e adoração. Que quero eu ? de que preciso ? Des-| conhecido em nome, pardo na côr, soldado na for-| tuna, não canso a minha alma com ambições :| mas para ella, para este anjo.... julgaria sem va-| lor uma corôa. Se tem por acaso um filho, senhor,| deve comprehender minhas palavras.

Dom JOSÉ, levemente enternecido.

Sim, tenho ; é bom e generoso. Ah ! porque cus-| ta-me tanto faze-lo feliz !

RAPHAEL.

Além disto, senhor.... veja a minha Luiza. Não| é bonita ? Que brilho de saúde e de mocidade !| Quando ella apparecesse em alguma côrte, no meio| de uma sociedade elegante, quem não diria que| nasceu em berço de riqueza, cercada de mimos e| regalos ? Quem não diria que nestas vêas gyra o| sangue europeu, que.... bem o sabe, senhor.... é o| unico sangue puro que há ?

LUIZA.

Como soffro !

RAPHAEL.

Pobre Luiza ! Retira-te agora, e vai descansar.-| Dorme sem cuidados.

LUIZA.

Obrigada, meu irmão. (Beija-lhe a mão e sahe.| Raphael acompanha-a até á porta).

SCENA XII.

RAPHAEL E Dom JOSÉ.

Dom JOSÉ, em pé e agitado.

Não, não devo ceder.... seria uma fraqueza de-| plorável. (A Raphael), Senhor, fallemos em outro| tom ; o que tenho a dizer-lhe é bastante importante,| e dispensa preambulos.

RAPHAEL.

Como *Vossa Excelencia* quizer....

Dom JOSÉ.

Meu filho Ayres de Saldanha viu, por sua e mi-| nha desgraça, a essa menina que acaba de sahir| d'aqui ; a sua rara belleza, a sua graça e innocen-| cia fizeram impressão n'aquella alma sensível. Vendo| que o casamento era o unico meio de possuir a| pessoa que adora, veio pedir o meu consentimento. Eu sei o que devo aos meus quarenta antepassados. Procurei fazer-lhe vêr as consequencias de seme-| lhante união, quiz mesmo dominar a sua vontade,| mas nada pude conseguir. Foi com a alma dilace-| rada que aqui vim ter. Confesso que tem-me agra-| dado summamente. Sei agora que sua irman é um| anjo, e o senhor um moço de educação e de brios. Espero que não porá duvida a unir-se commigo para| obrigar meu filho a renunciar um projecto insen-| sato.

RAPHAEL.

(Com amarga ironía). Senhor, eu sei tudo isso que| acaba de dizer-me, mas permitta que ajunte algu-| mas pequenas explicações. Esse encontro de seu fi-| lho com Luiza, que *Vossa Excelencia* parece lamentar tanto,| não teve lugar debaixo dos meus auspicios. Eu não| tenho pressa de perder a companhia de mina ir-| man, buscando-lhe marido, e ella é bastante re-| colhida. Foi sómente hontem que eu vim no conhe-| cimento da honra que o *Senhor* Ayres queria fazer-nos. Mas não pense *Vossa Excelencia* que eu contribua para li-| vrar os seus quarenta avós da desfeita que os ameaça. Deixarei de ser advogado de Luiza, mas não me| unirei aos seus algozes. Sabe o que faço? Cruzo| os braços e digo-lhe friamente : Meu caro senhor,| proceda como entender.

Dom JOSÉ.

Eu não quero impôr sacrificios ; se deseja algu-| ma.... retribuição pecuniaria....

RAPHAEL, estremecendo.

Dinheiro ! (Pausa). E em quanto avalia *Vossa Excelencia*| a renuncia de minha irman ?

Dom JOSÉ.

Dir-mo-há, e será satisfeito.

RAPHAEL.

Eu lhe vou dizer, senhor.—Se *Vossa Excelencia* tivesse| uma irman como a que eu tenho, pura, bella e| extremosa, que nunca venderá seu corpo, mas que| sabe dar a quem

ama toda sua alma ; e viesse| alguém porpôr-lhe o.... negocio, que me está pro-| pondo, que lhe diria, senhor ? qual seria a sua| resposta ?—Que ! pois será honesto e justo para o| fidalgo aquillo que parece infame e vil ao peão ?| (Com força) Senhor, o coração de Luiza não tem| preço !... minha irman não é uma prostituta !

Dom JOSÉ.

E' injusto em pensar....

RAPHAEL.

Nem mais uma palavra, senhor, para que eu| tome por um sonho a baixaza de que me julgou| capaz.

Dom JOSÉ.

Acredite que eu não sou desses fidalgos ridiculos| que não perdem ocasião de fallar nos seus perga-| minhos. Abraçaria de boa vontade como filha a| uma moça do povo, se ella fosse semelhante á sua| irman. O caso presente porém é tão especial....

RAPHAEL.

Por causa da minha côr ? Tem razão. A sorte| do homem pardo é tão miseravel ! O pobre pôde| chegar á fortuna ; o plebeu pôde alcançar honras| e gloria : mas o homem que traz em si o sêllo de| duas raças diversas e inimigas, o que poderá fa-| zer elle ? Dirá ás suas vêas que conservem este| e não aquelle sangue ? Dirá á sua epiderme que| tome esta ou aquella côr ? Obstaculo insuperavel,| que esmaga os maiores arrojões da vontade ! Pre-| conceito barbaro e monstruoso que vota ao desalento| e á obscuridade tanta alma grande !

Dom JOSÉ.

Acompanho-os nesses sentimentos de philantro-| pia ; e bem que não deseje ir de encontro ás idéas| recebidas, por absurdas e deshumanas que sejam,| saltaria por cima desse inconveniente afim de asse-| gurar a felicidade de Ayres e a minha.... pois são| uma e a mesma cousa. O obstaculo que existe é| outro e maior, direi mesmo invencivel. Que importa| uma ligeira modificação do sangue?... mas deixar| pesar sobre a minha familia uma nodoa indelevel....| Sargente Proença, seu pai era escravo ?

RAPHAEL.

Meu pai ?... (Depois de um longo espasmo de furor)| Senhor, é uma pergunta ou a um insulto que eu| devo responder ?

Dom JOSÉ, com placidez e desdem.

Porque se exaspera assim ? Se na sua alma exis-| te uma chaga viva, não fui que a abri.

RAPHAEL, serenando.

Tem ainda razão, senhor *Dom José*. Sejamos até| o fim homens de gêlo. Eu responderei a essa per-| gunta contando a historia de meu pai. Ella nada| tem de rara, mas é curiosa.—Um fazendeiro abas-| tado havia perdido sua mulher. Ainda robusto, sen-| tia esses transportes, que na mocidade teem o no-| me de amor, mas que nos fins de uma vida, con-| sagrada toda ao dominio e á cubiça, tornam-se cé-| gos e vergonhosos como os instinctos dos brutos.| Para que contrahir um segundo hymeneu, que| transtornaria seus planos de familia e de engran-| decimento, quando viviam ahi pelas senzalas e cam-| pos tantas escravas complacentes ? foi o que elle| pensou e o que fez. A preferida, senhor, era uma| pobre mulata que, criada com mimo por sua se-| nhora, não fôra rasgar os pés na roça ou nas| matas virgens, nem crestára o rosto nas exalações| ardentes do engenho de assucar. Foi a minha avó,| senhor *Dom José*. Ella não resistio aos affagos de seu| senhor.... pois não seria ridiculo ? D'ahi a nove| mezes o fazenderio tinha mais um filho e mais um| escravo. Sim, mais um escravo : e para que lhe| concederiam a liberdade ? Que direitos lhe dava a| ella esse pingo de sangue limpo que se lhe intro-| duzira nas vêas ? Para que diminuir a herança dos| filhos queridos?—A pobre criança viveu pois com| os outros crioulinhos, feliz por lhe deixarem sua| mãe. Quando morreu o fazendeiro, seus filhos ti-| veram escrúpulos de associar-se áquella injustiça| atróz : meu pai recebeu a sua carta de alforria.| —Eu já o tinha dito ; esta história é vulgarissima,| mas era preciso dar uma resposta á *Vossa Excelencia*.

Dom JOSÉ.

Vê agora que é...

RAPHAEL.

Sou filho de um escravo, e que tem isso ?..| onde está a mancha indelevel ?... O Brasil é uma| terra de captiveiro. Sim, todos aqui são escravos.| O negro que trabalha semi-nú, cantando aos raios| do sol ; o indio que por um miseravel salario é| empregado na feitura de estradas e capellas ; o| selvagem, que, fugindo ás bandeiras, vaga de matta| em matta ; o pardo a quem apenas se reconhece o| direito de viver esquecido ; o branco emfim, o| branco orgulhoso, que soffre de má cara a inso-| lencia das Côrtes e o desdem dos europeos. Oh!| quando cairem todas estas cadêas, quando estes| captivos todos se resgatarem—ha de ser um bello| e glorioso dia !

Dom JOSÉ.

Vejo com pezar que nada temos feito...

RAPHAEL, prorompendo.

E que quereis que eu faça, senhor ? Não bas-| ta já de vergonha e de humilhação ? A vós é| que compete retirar-vos, ante que eu m'esqueça| dos vossos cabellos brancos. (*Dom José* vai a sahir,| entra *Ayres* firme e altivo).

SCENA XIII.

AYRES E OS MESMOS.

AYRES.

Sargento Raphael Proença, venho pedir-lhe a mão| de sua irman.

Dom JOSÉ.

Ayres, que significa isto ?

RAPHAEL.

Chega tarde, senhor.—Eu sei bem o que faço,| lavro uma setença de morte. Embora
! Vosso| sangue não ha de unir-se com o meu sangue.| (Quadro. Cão e panno.)

FIM DO 2.º ACTO.

ACTO III.

INDEPENDENCIA OU MORTE!

ACTO III.

Um pouso na estrada de Santos. O theatro é dividido em duas par-| tes, representando á *Esquerda* do espectador uma taberna com balcão, ban-| cos, &c. e duas portas, uma no fundo, dando para a estrada,| outra que communica com o interior de casa : á *Direita* uma salinha, com| trastes usados, e grandes estampas de batalhas, pregadas ás paredes ;| uma janella ao fundo. Porta na parede de divisão.

SCENA I.

Á Dom AYRES, DORMINDO COM O ROSTO ENCOBERTO. Á *Esquerda* MEN-| DONÇA, JUNTO AO BALCÃO, E BRAZ ENTRANDO.

MENDONÇA.

Então como vai isso ?

BRAZ.

O arco está prompto, patrão : um arco todo feito| de murta, com dous coqueiros aos lados, que pa-| recem os batentes da porta do céu. Olhe-me cá da| porta um bocadinho ; verá que maravilha !

MENDONÇA, indo olhar.

Optimo. O principe há gostar disso.

BRAZ.

Ora, não me paga as tardes ? Olhe que o traba-| lho foi grande. Vamos ! Um copinho da brasileira.

MENDONÇA, desarrolhando uma botija.

Ah ! rapaz, cedo começa com o vicio.

BRAZ.

Que se lhe há de fazer ! Os Brazes todos soffrem| da garganta. (Bebe). Ai ! que pinga ! Se o patrão| repetisse a esmola....

MENDONÇA.

Vá para lá, velhaco. Não tenho camas desoccu-| padas em casa.

BRAZ.

Homem ! Por fallar em camas.... o moço ainda| está lá dentro ?

MENDONÇA.

Ainda.

BRAZ.

E dorme ?

MENDONÇA.

Certamente.

BRAZ.

Assim, fidalguinho. Aposto que aquelle não sabe| o que é a gente ganhar a vida. E o mais é que| estou com pressa de vê-lo acordar.

MENDONÇA.

Porquê.

BRAZ.

Pois não sabe ? Berganhámos a roupa.

MENDONÇA.

Que está dizendo ?

BRAZ.

A verdade certa. E eu então que fico tão preju-| dicado ! Dar meu chapéu de Braga, a minha calça| de todos os dias, e o meu jaléco sem botões por| uma roupa fina, que está allumiando de nova. E'| certo que está uma sopa. O sujeito pelos modos| andou conservando com os peixes.

MENDONÇA.

E por isso é mudo como elles. Não lhe pude| arrancar dez palavras do bucho. Deixemo-lo dormir,| que isso tudo me pagará, e vejamos um pouco da| banda da Ypiranga.—Nada ! Nem gente, nem poeira.

BRAZ.

E' cedo, patrão. O homem não passa antes das| quatro horas.

MENDONÇA.

E é mau porque perdem a sêde. Ainda te lem-| bras do que ajustámos ?

BRAZ.

Eu cá só me esqueço das dividas.—Veja bem se| não é isto. Assim que apontar a comitiva, saltamos| para a estrada e nos ímos metter debaixo do arco,| em risco de beijar as unhas dos cavallo. Ora, o| principe não é tão soberbo que nos queira passar| por cima. Pára. Os outros fazem o mesmo. Nós então| berramos que é um gosto ouvir.—Viva o principe| regente !—Vinho legitimo da Madeira, e Porto supe-| rior.—Abaixo o absolutismo !—Comida fina e bara-| ta ; a louça é de graça.—Viva a Constituição !—Quartos para dormir : criada bonita.

MENDONÇA.

Alto lá !

BRAZ.

Ora, bem vê estes vivas nos hão de render| alguma cousa. Se o pinricpe parar, paga para be-| ber ; e senão, pega para passar.

MENDONÇA, abraçando-o.

Oh Braz, tu és um grande homem !

BRAZ, com modestia.

Deixe-me crescer primeiro. (Chega á porta da *Direita*| e espreita). Não se acordaria ainda !

SCENA II.

OS MESMOS E LIBERATO.

(E' um negro alto e robusto, de feições orgulhosamente ferozes. Traz a roupa em andrajos e uma grande faca á cinta. Entra silencioso, toca na aba do chapéu e vai sentar-se ao fundo, ao pé do balcão).

MENDONÇA.

Que quer ?

LIBERATO, com vóz rouca.

Aguardante.... vinho sangue.... alguma cousa| que atordôe, sim, senhor.
(Mendonça serve-o).

BRAZ, á parte.

Ahi está uma figura que eu não quero por nada| encontrar fóra de horas. E parece que pediu sangue para beber.... Ora esta ! com tanto que não| seja o meu....

MENDONÇA.

Donde vem vossê, tio ?

LIBERATO.

De baixo, meu senhor. Sim.... todo branco é| senhor.

MENDONÇA.

Ah ! vossê chega de Santos ? O que há por lá| de novo ?

LIBERATO.

Não há nada. Mataram um homem.

MENDONÇA.

Uma morte !

BRAZ.

São Braz ! Se a conversa continúa assim, desconfio.

LIBERATO.

Senhor, bota mais cachaça aqui. Eu tenho sede. Eu| tenho dinheiro. Hoje é o dia de minha liberdade.

MENDONÇA.

Prenderam o matador ?

LIBERATO, rindo.

Ah ! não. Liberato é ligeiro, não pesa ; branco | tirou as carnes delle.

MENDONÇA.

E como foi esse crime ? Quem é esse tal Libe-| rato ?

LIBERATO.

Ah ! senhor quer ouvir historia ? Negro vai con-| tar. Eu conheço muito Liberato.... é outro como eu| mesmo.

BRAZ, á parte.

Assim me está parecendo.

LIBERATO.

Liberato teve tres captiveiros.–Primeiro senhor| delle era um velho muito bom. Dava esmola p'ra| pobre : Liberato morria de fome. Senhor velho ou-| via missa todos os dias, não sahia de igreja : Li-| berato trabalhava sem parar, não tinha dia-santo| seu. Um dia, branco quiz fazer uma capella ; não| tinha dinheiro, vendeu Liberato na fazenda. Foi| mulher que comprou elle. Marido já tinha morrido.| Era bonita.... bonita.... cara de anjo.... falla della| era musica.–Negro apanhava todo o dia, negro co-| mia barro p'ra não morrer de fome, negro não ti-| nha licença de dormir. Sinhá dizia : Feitor não pres-| ta ! E sinhá ajudava feitor.–Um dia mucama que-| brou o espelho grande : sinhá arrancou os olhos de| mucama.

BRAZ.

Que santinha !

LIBERATO.

Liberato não pôde mais, fugiu. Foi gente atraz,| e pegaram nelle. Sinhá disse : Surrem até morrer.| –Liberato apanhou tres dias. Nisto chegou homem| branco, homem grande, lá no Rio, e disse : Dou| meu cavallo rosilho por este negro. Sinhá conside-| rou e respondeu : Pode levar. Liberato esperou que| desatassem as cordas e foi ajoelhar ao pé de bran-| co. Branco virou as costas. Liberato jurou não se| ajoelhar nunca aos pés de homem.–Senhor novo| delle tinha um filho, que gostou de moça bonita| de São Paulo, e quiz casar com ella. Senhor velho| foi vêr moça, e não deu licença. Senhor moço tei-| mou. Pai delle, então que faz ? Chama soldado,| leva filho á força p'ra Santos. Lá no Cubatão Se-| nhor entra n'um saveiro com filho.... rema que| rema.... chegou na villa. Havia duas noites que| senhor não dormia. Fechou filho delle n'um quarto| de cima, pôz

Liberato de guarda ao pé da porta e| foi-se deitar. Outro dia, quando acordou, abriu o| quarto ; estava vazío. Chama Liberato.—Onde está| meu filho ?—Não sei, não, senhor.—Ajoelha, cão.| Liberato não quiz ajoelhar. Homem pegou n'um| chicote, e tornou a dizer : Ajoelha. Liberato pu-| xou a faca e abaixou-se. Quando branco deu a| primeira chicotada, Liberato estendeu o braço : se-| nhor Dom José cahiu morto. Ahi está como foi. En-| cha o copo, meu amo.

MENDONÇA.

E' um bom exemplo para os que são compassivos| em damasía. Se o tal pateta deixasse Liberato ex-| pirar no tronco, estaria hoje com vida e saúde.

LIBERATO, rindo atrozmente.

E com cavallo rosilho delle, sim, senhor.

BRAZ, de parte á Mendonça.

Não lhe parece que o negro sabe a historia tin-| tim por tintim ? Aposto eu em como viu tudo.

MENDONÇA.

Tens razão. Será bom dar com elle na cadêa....| mas é preciso disfarçar e não lhe negar aguar-| dente. (Toma o chapéu e sáe).

BRAZ.

Não há de ser precisa muita. Vejam como elle| cabecêa ! Oh preto, queres beber mais ?

LIBERATO, ébrio.

Bota, menino. Hoje Liberato é forro.... não há| de ajoelhar mais.

BRAZ.

Se não na forca.

SCENA III.

OS MESMOS, VICTORINO E LUIZA.

VICTORINO.

Adeus, Braz (Vem dando o braço a Luiza, que se| apoia nelle pállida e abstrahida).

BRAZ, alegre.

Oh ! senhor Victorino ! há tanto tempo que não| aparece !

VICTORINO.

Não tens por ahí um quarto, em que *Dona* Luiza| possa descansar ?

BRAZ.

A casa está á sua disposição.

VICTORINO.

Basta-me a salinha. Faz favor de me preparar| uma limonada ? (Entra com Luiza á *Direita*, e não dá fê| de Ayres que continúa immovel. Luiza parece acordar| de profundo somno, e deixa-se cahir em uma cadeira).

BRAZ.

Só assim poderá acordar o meu fidalgo.

LUIZA, suspirando.

Ai ! Aonde estamos, Victorino ?

VICTORINO.

Em casa de um nosso conhecido, o *Senhor* Mendon-| ça.... sabe ? E' preciso tomar fôlego. O sol| está de abrasar e a senhora tão abatida....

LUIZA, erguendo-se vacillante.

Não. Eu nada tenho. Vamos !

VICTORINO, com accento doloroso.

Dona Luiza.... espere um instante. Quer que me| arrependa de lhe haver obedecido ? Me diga, o que| significa pôr-se a senhora a pé, nesta estrada, doente| e acabrunhada como está ? Aonde imos nós ? Em| procura de quem ?—Se é do padrinho, a senhora| bem sabe onde elle pára, a sua commissão está| acabada, pois o principe é esperado hoje, Para que| então sahir de casa, deixar a cidade ? Se é por| outra pessoa.... se é por causa do senhor Ayres....

LUIZA.

Sim.... e se fôr por elle ?

VICTORINO.

Se fôr por elle.... callar-me-hei então. A senhora| interrogue sua consciencia, ella lhe responderà bem| alto.

LUIZA, quasi a chorar.

Já me despreza, Victorino ?

VICTORINO.

Eu, *Dona* Luiza ? !

LUIZA.

Eu bem ouço seu coração dizer : Que mulher| leviana e indigna é esta ! Que alma vil que esque-| ce o ultimo dos seus deveres e faz da affeição| desinteressada dos seus ponte para correr é deshon-| ra e á perdição !—Não é assim ?

VICTORINO, tristemente.

A senhora nunca entendeu o meu coração.

LUIZA.

Perdão, Victorino, perdão ! Não sei o que digo...| padeço tanto ! Se era um martyrio cruel estar lá,| sem Raphael para consolar-me, só e devorada de| febre e de cuidados. Mais valeria morrer.... morrer| caminhando sempre.... morrer mais perto de meu| irmão e de Ayres. Ah ! se ao menos eu tivesse no-| ticias..., Que estou a dizer ? Meu amigo, tem ra-| zão.... leve-me d'aqui... salve-me....

VICTORINO.

Quer que voltemos, *Dona* Luiza ?

LUIZA.

Não.... quero que me deixe só.

VICTORINO.

Tem razão. E' melhor esperar-mos aqui pelo pa-| drinho, e entretanto a senhora cobrará forças. Um| pouco de somno não lhe fará mal. Eu saio, para| vêr quem passa na estrada. Se precisar d'alguma| cousa, chama o Braz (*Passa á Esquerda*. Ayres ergue-se| mansamente).

BRAZ.

Aqui está sua limonada.

LUIZA.

Quem poderá lutar com a destino ?

AYRES, com brandura.

Eu, Luiza.

LUIZA, erguendo-se vivamente.

Ayres !... Meu Deus, eu queria morrer assim| (Cáe-lhe nos braços).

AYRES.

Que fiz eu ? Acabei talvez de matal-a.... Pois a| ventura tão bem mata ? Não : é apenas um des-| maio.... para que eu possa apertal-a ao seio sem| remorsos. Ah ! Luiza.... como estás pállida ! Que| transfiguração ! Que orvalho de morte mangrou a| minha linda flôr ?...

LUIZA, tornando a si.

Ayres ! Porque me deixaste, meu Ayres?

AYRES.

Deixar-te, Luiza ! Não viste por ventura a mão| que nos separou, e que se podia erguer para amal-| diçoar-me ? E entretanto eu soube tudo arrostar,| as iras de meu pai, a escuridão da noite, o mar| que não se dignou tragar-me, os desfiladeiros da| serra ; e aqui me tens.... amante feliz e filho mal-| dito.

LUIZA.

Ayres !

AYRES.

Tu não me deves agradecimento, nada fiz por ti.| Não vêr-te, não estremecer ao som de tua voz é| superior ás minhas forças. Mil vezes antes morrer !| Quando estás commigo, Luiza, vejo o céu azulado,| as restias de sol ; as aves cantam e eu sou feliz.| Se estou ausente de ti.... não sei para que Deus| fez o mundo.

LUIZA.

Sim, Ayres, eu o entendo. Se me pudesse expli-| car assim ! Queria contar-lhe qual tem sido meu| soffrimento nestes tres dias. Se eu não precisasse| de vê-lo ainda.... teria morrido. Somos bem des-| graçados !

AYRES.

Antes, mas agora.... no céu não estava melhor.

BRAZ, á Esquerda.

Dona Luiza.... parece que está doente.

VICTORINO.

E' verdade.... a caminhada lhe fez mal. Ficou| descansando um pouco.

BRAZ.

Bem.... mas deixou-a só na salinha ?

VICTORINO, impaciente.

Ficou dormindo.

BRAZ.

Dormindo !.... mas então..... Ah ! entendo.

VICTORINO.

Quanto te devo ?

BRAZ.

Cinco réis. (Victorino paga-lhe e sáe) Se eu pu-| desse espiar um pouco aquella porta.... veria cou-| sas engraçadas. Nada de asneiras, e trabalhar !

SCENA IV.

AYRES E LUIZA.

AYRES.

Luiza !

LUIZA.

O que é ? Porque me acorda deste sonho ?

AYRES.

Não queres que te deixe só ? Precisas talvez de| repouso.

LUIZA.

Não.... não preciso.... estou tão bem ! As mi-| nhas lagrymas ainda correm, e já quer deixar-| me.... Ingrato ! Não consinto que se vá.... temo| tanto tornal-o a perder !... Ayres, não falle mais| nisso.... fique....

AYRES.

Meu coração não pede outra cousa e todavia....| é inevitavel a nossa separação. Ai ! daqui a meia| hora Victorino te virá buscar.

LUIZA.

Não o acompanharei.

AYRES.

E quando chegar teu irmão ?...

LUIZA.

Que chegue.... Ah ! elle diz isto para me affligir| mais.... Ainda que Raphael me amaldiçõe.... ouve| bem ?... eu não lhe obedecerei. Não hei de, não !| Ayres, se me ama.... não me abandone.... só sua| presença me dará forças para resistir.

AYRES.

Meu anjo.... que direitos tenho eu para exigir| tanto ?... mas se tu me comprehendesses....

LUIZA.

Escute, Ayres. Eu sei bem quanto lhe devo....| quanto por mim quiz sacrificar. O affecto de seu| pai ; seu orgulho de familia ; as graças e a riqueza| de tantas mulheres.... tudo.... até a honra.... não| é certo que se deshonorava casando commigo ?—E| que tenho eu para dar-lhe em troca de isso tudo ?| meu amor só. Pois bem !... eu lh'o dou e quero| que me agradeça.

AYRES, ajoelhando.

De joelhos, Luiza.

LUIZA.

Raphael disse-me tanta cousa que não sei en-| tender. Se amo, porque não hei de dizel-o ? Sou| sua esposa ; porque não hei de lhe pertencer ?

AYRES, erguendo-se

Posso eu contradizer-te, Luiza ? Sim, fóra do| amor tudo é vaidade. Espera-me aqui.... em breve| partiremos.... Vou apromptar dois animaes para| nos conduzirem. Lembra-me ter visto na mange-| doura um bonito cavallo branco : será para ti.| Estás prompta a acompanhar-me.... não é assim ?...| tu o disseste. Mas Victorino.... elle está á tua es-| pera.... se descobrir nossos projectos de fuga, ha de| oppôr-se sem duvida. Vou sahir por esta janella....| Ah ! eil-o ahi fóra.—Chega agora o dono da casa....| vou fallar-lhe. Até já, Luiza ; não desanimes.

LUIZA.

D'aqui a pouco estarei prompta. Volte logo. (Con-| certa a roupa, etc.)

SCENA V.

OS MESMOS E MENDONÇA.

MENDONÇA.

Muito bem !... o nosso canhembora não se arre-| dou do lugar. Já lhe deixei
arranjada na cidade| casa de graça. Não tarda ahi a escolta.

AYRES, á *Esquerda*.

Senhor !...

MENDONÇA.

Que manda ?

AYRES.

Não tem um cavallo para vender ?

MENDONÇA.

Tenho dois.

AYRES.

Melhor. São meus. Faça o favor de vir entregar-| m'os, que preciso delles já.

MENDONÇA.

Prompto. Oh ! Braz, já sabes o que tens a| fazer ?... Vê que os soldados façam
despeza.... e|
que a paguem.

BRAZ.

Deixe por minha conta. (A Ayres.) Meu amo, a| minha roupa.... quero dizer, a sua
roupa está lá| dentro. (Sahem Mendonça e Ayres.) Oh ! foi uma verdadeira pechincha. O
panno é bom e não está| rasgado.

LUIZA.

Meu Deus, sinto que me falta o animo ! (Cáe| sobre uma cadeira, e esconde o
rosto nas mãos.)

SCENA VI.

LUIZA, BRAZ, UM CABO, E QUATRO SOLDADOS.

O CABO, da porta.

Psiu !

BRAZ.

Pódem entrar, camaradas.

O CABO.

Aonde está o fulano ? Será este ?... (Indica Libe-| rato adormecido.)

BRAZ.

Sem tirar, nem pôr.

O CABO.

Está me fazendo pena. Vejam como está avina-| grado, e a roncar que nem um bispo ! Oh lá, ra-| pazes, qual de vossês quer carregar esse baril de| cachaça ?—Nenhum ?...

UM SOLDADO.

Eu, *Senhor* cabo. Deixe primeiro tomar-lhe o pezo.| Aposto que este tratente não traz passaporte....

BRAZ.

Ah ! malandro ! está-lhe fazendo cócegas nas al-| gibeiras. (Liberato desperta, e ergue-se impetuosa-| mente. Os soldados recuam.)

O CABO.

Está preso. Camaradas, sentido com a porta !| não o deixem fugir.

LIBERATO.

Preso !... Quem quer me prender ? !...

O CABO.

Eu, se fôr do seu gosto. Foi denunciado á Jus-| tiça, por haver feito uma brincadeira.... lá por| Santos.... não é isto ?

LIBERATO.

Preso.... entrar na cadêa.... forca depois.... Não,| caminho é comprido.... quero outro mais curto.| (Desembainha a faca.)

O CABO.

Não se entrega ?... Cheguem, amigos.... agarrem-| n'o, e se resistir....

LIBERATO.

Espera, branco. Vê esta faca ? ainda tem san-| gue.... mas preto não quer mais defender a vida.| Fui eu que matei *Senhor Dom José*, é o meu nome| é.... Liberato. (Fere-se e cáe morto. Horror nos| soldados.)

O CABO.

Oh ! diabo ! Quem esperava por esta brincadeira ?| Que pressa teve elle !

UM SOLDADO.

Poupou uma corda á Justiça.

O CABO.

E talvez alguns arranhões é tua pelle. A dili-| gencia está feita. Ponham-se em marcha. (Vai a| sahir ; Braz corre a detel-o.)

BRAZ.

Então, *Senhor* cabo, não gasta alguma cousa ?

O CABO.

Agora não póde ser. (Baixo a Braz.) Não vês| que somos cinco ? Espera, meu rapaz : eu volto| logo.... só. (Alto.) Vamos, gente. Arrastem isso.| (Sáe com os soldados, levando o cadaver.)

SCENA VII.

BRAZ, AYRES E MENDONÇA.

MENDONÇA.

Os cavallos são bons. Ficam-lhe quasi de graça.| Não se ha de arrepender do negocio.

AYRES.

Dê-me a conta do que devo, que não me posso| demorar muito. E' verdade.... não ha outro ca-| minho para sahir na estrada ?

MENDONÇA.

Ha outro, aqui por dentro. Encurta bastante. (Ayres entra á *Direita*.—Mendonça senta-se ao balcão para| escrever.) Braz, dá-me papel e tinta. Esqueci-me| de perguntar-lhe o nome. Que vá.... Francisco José| Penna.

BRAZ.

Não lhe vai deixar uma só.

LUIZA.

Pois já ?...

AYRES.

Vamos, Luiza, não ha tempo a perder. Que| fazes ? Aqui está o teu chapéo.... toma o xale....| apressa-te.

LUIZA.

Ayres, o coração bate-me tanto.... não é uma| acção má que imos commetter ?

AYRES.

Que, Luiza ! Já te arrependes do passo que vais| dar ? Que é feito do teu amor, e da tua resolução ?

LUIZA, desatando o pranto.

Ayres....

VICTORINO, fóra.

Dona Luiza.... elle ahi chega.

AYRES.

E' Victorino.... Oh ! meu Deus, que tudo se vai| perder !

LUIZA, erguendo-se.

Não, Ayres.... eu já estou prompta. Aonde quer| que eu va ? diga....

AYRES.

Segue-me. Ah ! a minha bolsa que eu esquecia....| Vamos agora. (Dá-lhe o braço, e dirigem-se á *Esquerda*.)

SCENA VIII.

OS MESMOS E RAPAHEL.

RAPHAEL, fóra.

Ella está aqui, Victorino ? (Entra precipitadamente| pela *Esquerda*, como quem chega de longa marcha, e vai| direito a Mendonça.) O principe vai passar.... (Atira| ao balcão um punhado de moeda.) Tomem isto.... e| não se esqueçam de gritar : Independencia ou| morte !

MENDONÇA.

Ouves, Braz ?... corramos ao arco. Deixa o di-| nheiro rolar, avarento ! (Saem ambos correndo.)

SCENA IX.

RAPHAEL, AYRES E LUIZA.

LUIZA, á *Esquerda*.

Ah ! Ayres, o amor que eu lhe tenho deve ser| bem grande....

RAPHAEL, correndo para Luiza.

Minha irman.... (Ao tomal-a nos braços, vê Ayres,| repelle Luiza com indignação e pasmo, e recúa violenta-| mente.) Ah !

LUIZA, cahindo de joelhos.

Perdão.... Rapahel !

AYRES, aniquilado.

Elle !... elle aqui !...

RAPHAEL, com frieza.

Senhora.... perdôe-me.... não a conheço. Vinha| de fóra, aqui está tão escuro.... enganei-me.

LUIZA.

Meu irmão....

RAPHAEL, desdenhoso.

Engana-se igualmente : eu já não tenha irman.| (A Ayres, dando um passo.) Que vinha aqui fazer,| *Senhor Saldanha* ?

AYRES, mostrando Luiza.

Leval-a commigo, ou morrer.

RAPHAEL.

Leval-a comsigo.... nada mais justo. Tem pro-| vavelmente direitos sobre ella ; e eu, quando ainda| os tivesse.... não os quereria sustentar. (Rindo com| amargura.) Ha ! ha ! ha ! Cuida que eu os em-| bargarei ? que arrancarei os cabelles, e me atra-| vessarei na porta ?... Oh ! não ! Que tenho eu com| isso ? Um passeio ao luar..... com uma bella amante| ao lado.... é cousa que a ninguem se pohibe.| Não valia a pena apear-me para vêr essa bagatela.| Senhora, póde passar.

LUIZA.

Mano, mate-me.... mate-me antes.... mas não me| falle assim.

RAPHAEL.

Matal-a.... Para que ? Seria uma brutalidade sem| motivo. Uma noite.... não faz muito tempo isso....| haverá quem se lembre.... suspeitei que o meu| amor só não bastava a minha irman, e estive a| ponto de commetter um crime. Hoje, vejo-a des-| honrada.... e vou-me embora. (Dá alguns passos| para sahir, e volta-se repentinamente. Prorompndo.)| Meu Deus !... e sou forçado a amaldiçoar este dia !...| Luiza, que fizeste ?... Aonde estava o teu anjo da| guarda ? Não te lembraste de mim ? não te lem-| braste de nossa mãe ?—Desgraça ! desgraça !—Eu| ardia de impaciencia de vêr-te, guardava para ti| mil beijos, mil consolações.... e tu abandonavas-| me.... Luiza !

LUIZA.

Perdão !

RAPHAEL.

Não, não posso perdoar-te.... porque não te posso| punir. Pensas que é a elle que odeio e detesto ?...| não ! é a ti, a ti sómente. Que é Ayres de Sal-| danha a meus olhos ? um extranho, um filho de| outra patria, uma vida que ha de cessar quando| eu quizer. Mas tu, Luiza !... tu, minha irman !...

LUIZA.

Perdão para elle !

RAPHAEL.

Nunca ! São baldadas as tuas supplicas. Roja !| roja, miseravel ! satisfaze a tua natureza. As mu-| lheres são viboras.

AYRES.

Ergue-te, Luiza.... Pedir por mim é degradar-me.

RAPHAEL.

Que disse elle ? Parece que o infame ainda se| atreve a provocar-me !... Cuidado, Saldanha.... ou| verás como a esmago diante dos teus olhos.

AYRES, pondo-se de permeio.

Mate-me antes, Proença !

RAPHAEL.

Desgraçado !

AYRES, erguendo Luiza.

Ergue-te Luiza ; não fraquês. Lembra-te que| me amas, e que te amarei o dobro dos affectos| que podes perder. Teu irmão te repelle.... eu tam-| bem fui amaldiçoado por meu pai.

SCENA X.

OS MESMOS E VICTORINO.

VICTORINO.

Já não tem pai, senhor.

AYRES, admirado.

Que dizes ?

RAPHAEL.

Dom José....

VICTORINO.

O *Senhor Dom José* foi assassinado por um escravo,| que elle julgava ter favorecido a fuga do seu filho.| (Raphael medita.)

AYRES.

Assim, fui eu que o matei.... foi a minha mão| que descarregou-lhe o golpe !—Vês tu, Luiza ? o| meu destino é este.... Foge de mim ! Eu sou um| ente maldito.... cujo contacto tudo mancha e in-| felicita. Oh ! Luiza, que futuro eu sonhava !... e| que existencia é esta !

RAPHAEL, gravemente.

Escuta, Saldanha. Deus acaba de tirar-te os bens| mais estimaveis da vida. Da tua familia resta só| uma sepultura ensanguentada. Esta terra que pisas| já te não conhece ; é uma terra livre, que te re-| jeita com suas faixas de escravidão. Nem patria,| nem familia....

AYRES.

Acaba, tirnado o que Deus me deixa.

RAPHAEL.

Quando tinhas tudo isso, eras para mim um ini-| migo. Hoje, que nada tens, extendo-te a mão, e| digo-te : Queres acceitar a minha patria, e a minha| familia ?

AYRES, maravilhado.

Que vens a dizer ?

RAPHAEL.

Dá-me a tua mão, Luiza. Hoje é o dia do Ypi-| ranga e da felicidade.–Ayres de Saldanha, queres| ainda ser meu irmão ?

LUIZA, com um grito de jubilo.

Raphael ! eu devo-lhe a vida.

AYRES.

Irmão ! tu és grande como Deus. (Abração-se es-| tratamento.)

RAPHAEL, commovido, tentando desembaraçar-se.

Basta.... Que é isto ? Querem estrangular-me em| agradecimento do que fiz ? (Tropear de cavallos, tinir| de espadas, vozes fóra.) Ouvem ?...

MENDONÇA, BRAZ, ETC., fóra.

Independencia, ou morte ! (O Principe e seu se-| quito atravessão o fundo do teatro.)

VICTORINO.

E' Sua Alteza que chega.

RAPHAEL, grave e descobrindo-se.

Descubram-se, filhos.... E' o Brasil que passa.

VOZES DO SEQUITO, fóra.

Independencia, ou morte ! (O ruido afasta-se ;| cáe o panno.)

FIM DO DRAMA.

São Paulo.—1863.—*Typographia* LITTERARIA, Rua do Imperador *numero* 12.

ERRATA

PAGina [espaço] LINha [espaço] ERROS [espaço] EMENDAS

7 [espaço] 9 [espaço] MILITAR. [espaço] Dom JOSÉ
12 [espaço] 22 [espaço] Pompilios. [espaço] Popilios.
20 [espaço] 23 [espaço] Aqui o meu [espaço] Aqui tem o meu
45 [espaço] 15 [espaço] dever [espaço] devem
52 [espaço] 16 [espaço] acompanhar [espaço] acompanhando
60 [espaço] 16 [espaço] tiquijadas. [espaço] tiguijadas.
62 [espaço] 9 [espaço] titia ? [espaço] titia.
81 [espaço] 5 [espaço] braço [espaço] rosto
84 [espaço] 19 [espaço] não é uma prostituta ! [espaço] não se vende ! (*)
93 [espaço] 2 [espaço] Porquê. [espaço] Porquê ?
104 [espaço] 2 [espaço] estava [espaço] estaria
109 [espaço] 9 [espaço] baril [espaço] barril

(*) Isto é para não excitar os biôcos de certos espectadores, que| se arripiariam ouvindo o brutal « whorse » de Othello, e que ap-| plaudem todavia as Revoltas, as Lusbelas, e a demais caterva rea-| lista. A cousa é sempre a mesma ; o nome é que tem variado.
